



INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

Histórias de vida: De lá para cá, continuidades ou interrupções do percurso profissional na chegada a Portugal

Ana Manuel Correia Jorge

Mestrado em Ciências do Trabalho e Relações Laborais

Orientador(a):  
Doutora Mara Clemente, Investigadora Integrada,  
CIES- Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

Departamento de Sociologia

Histórias de vida: De lá para cá, continuidades ou disrupções do percurso profissional na chegada a Portugal

Ana Manuel Correia Jorge

Mestrado em Ciências do Trabalho e Relações Laborais

Orientador(a):  
Doutora Mara Clemente, Investigadora Integrada,  
CIES- Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

## **Agradecimentos**

Olhando para todo o meu percurso acadêmico, em especial, ao percurso de mestrado, afirmo que nem sempre foram tempos fáceis. As adversidades fazem parte da nossa vida e sempre farão, por essa razão, as temos de ultrapassar. Contudo, sozinha seria muito difícil. Por essa razão, muito tenho a agradecer à minha família que me apoiou e sempre me guiou. Aos meus pais um agradecimento não chega porque toda a minha vida e todo o acabar deste percurso acadêmica a eles lhes devo, pelo apoio em todas as dimensões da minha vida. Ao meu pai, agradeço pela ajuda nunca negada, à minha mãe pelo carinho e atenção sem fim. Ao meu irmão por ser um exemplo a seguir e por me ter dado, sem saber, uma grande motivação na minha vida: o meu sobrinho. Ao meu namorado pela compreensão, preocupação e amizade ao longo do percurso. À minha avó, que de muito tenho de parecido com ela, pela cumplicidade. À minha tia e primo que sem eles a minha vida não era a mesma. Não os trocava por nada e agradeço muito pela confiança que têm em mim.

Quero também agradecer a todos os participantes que foram incríveis e bastante disponíveis. Os momentos de entrevista foram bastante pessoais e com notas de desabafo e sinceridade. Abertura total sobre certos temas e passagens pelas suas vidas fizeram-me sentir ter a maior sorte nos nossos caminhos se terem cruzado. A eles muitos lhes agradeço.

Agradeço à minha orientadora Professora Doutora Mara Clemente, pelas ajudas e orientação no caminho mais acertado em vários aspetos fundamentais desta dissertação.

Quero também deixar eternamente escrito, as saudades que tenho da minha Samantha e agradecer-lhe por todos os momentos de companhia e de carinho sem fim.

## **Resumo**

O presente estudo tem como objetivo a compreensão da experiência migratória e laboral de pessoas de origem chilena, uma nacionalidade pouco numerosa em Portugal, em particular, perceber se os recém-chegados têm ligações com co-nacionais de forma a obter benefícios no processo de inserção no mercado de trabalho português, de forma a atingir as suas expectativas laborais. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, uma vez que permite compreender a interpretação e significado que os indivíduos atribuem às suas experiências vividas e relacionamentos criados. Foi utilizado método de triangulação dos dados que combinam várias abordagens teóricas no estudo para que a análise dos dados seja feita de forma mais completa. Como técnica de recolha de dados, a entrevista semi-estruturada foi preferida pela possível combinação de dois fatores: oferecer a possibilidade de comparar respostas a um mesmo conjunto de questões fundamentais, enquanto, possibilita uma conversa flexível para integrar outras questões mais aprofundadas ou suprimir outras que já foram respondidas ao longo da entrevista. Revela que  $\frac{3}{4}$  dos participantes quando se instalaram em Portugal, conheciam alguém já estabelecido, mas apenas  $\frac{1}{4}$  conhecia alguém chileno. Revela que  $\frac{3}{4}$  procuraram grupos restritos à população chilena em plataformas sociais de internet, como forma beneficiar de apoio e preferência para certas ocasiões sociais. Indica que a inserção nestes grupos, apesar da sua dimensão, em nada afetou a inserção ou sucesso dos participantes no mercado de trabalho e demonstra que a dimensão se torna irrelevante neste processo, ao invés da qualidade dos laços que unem os diferentes indivíduos.

## **Palavras-chave**

Mercado de Trabalho; Imigração; Altamente qualificados; Mobilidade; Apoio co-nacional; Ajustamento de imigrantes

## **Abstract**

This study aims to understand the migratory and labor experience of people of Chilean origin, a small nationality in Portugal, in particular, to understand whether newcomers have connections with co-nationals in order to obtain benefits in the process of insertion in the Portuguese labor market, in order to achieve their work expectations. The methodology adopted is qualitative in nature, since it allows understanding the interpretation and meaning that individuals attribute to their lived experiences and relationships created. Data triangulation method was used that combines several theoretical approaches in the study so that the data analysis is done more fully. As a data collection technique, the semi-structured interview was preferred for the possible combination of two factors: it offers the possibility of comparing answers to the same set of key questions, while, it enables flexible conversation to integrate other more in-depth questions or suppress others that have already been answered throughout the interview. Reveals that  $\frac{3}{4}$  of the participants when they settled in Portugal, knew someone already established, but only  $\frac{1}{4}$  knew someone Chilean. Reveals that  $\frac{3}{4}$  sought out groups restricted to the Chilean population on internet social platforms, as a way to benefit from support and preference for certain social occasions. It indicates that membership in these groups, despite their size, in no way affected the insertion or success of the participants in the labor market, and shows that size becomes irrelevant in this process, rather than the quality of the ties that bind the different individuals.

## **Keywords**

Job market; Immigration; Highly skilled; Mobility; Co-national support; Immigrant adjustment

## Índice

I. Introdução.....	1
Apontamentos Iniciais .....	2
Imigração em Portugal: Um cenário heterogéneo .....	3
A pertinência da investigação.....	5
Presente estudo: a população chilena .....	5
II. Revisão da Literatura .....	7
A teoria de Mobilidade: quadro de capital-mobilidade e transferência de recursos ....	7
Principais conceitos: capital humano, capital cultural, capital social.....	7
As quatro categorias de mobilidade.....	8
O desperdício de cérebros como uma realidade atual .....	9
Principais conceitos: geografia temporal, trajetórias, campo social.....	10
Narrativas autobiográficas: Tendências culturais coletivas e tendências individualistas de Kaźmierska , Piotrowski & Waniek (2011).....	12
O pão com manteiga de Ewa Morawska .....	12
Tendência cultural coletiva e tendência individualista.....	12
‘Escape from’ - ‘Escape to’ .....	13
Adaptação cultural dos migrantes.....	14
A troca de recursos no momento de chegada .....	14
A incorporação de capital cultural como forma de inserção na comunidade do país de acolhimento: o <i>habitus</i> .....	15
Principais conceitos: “nicho imigrante”, código de discurso .....	15
A identidade e o poder dos aprendentes de uma segunda língua: Social positioning e social participation.....	17
A teoria dos recursos sociais: a importância dos laços pessoais num momento de necessidade de recursos .....	19
Ter acesso a um grupo social ou tirar partido desse grupo social: dois lados distintos.....	20

As ligações como solução à angústia: conceitos choque cultural e apoio social .....	20
Os sites de redes sociais enquanto mecanismo de busca de apoio social.....	21
III. Metodologia da Pesquisa.....	23
Opções metodológicas.....	23
População e amostra.....	24
IV. Descobertas.....	26
Análise das experiências migratórias: uso das teorias de mobilidades, fuga e tendências .....	26
Participante: Catarina .....	27
Participante: Madalena .....	28
Participante: Inês .....	29
Participante: João.....	30
O desperdício de cérebros: Capital Humano não aproveitado .....	32
Adaptação dos participantes .....	33
A incorporação do <i>habitus</i> da comunidade do país de acolhimento .....	33
Dois cenários apresentados como facilitadores de união entre os indivíduos.....	35
A importância do saber a língua: o sentir-se parte e a arte de se fazer entender ....	37
Os recursos linguísticos criadores de novas participações e posicionamentos sociais .....	40
As plataformas online enquanto recurso de apoio e entre-ajuda.....	41
Laços criados entre quem chega e quem os recebe: a troca de recursos .....	44
V. Conclusão .....	46
Bibliografia.....	51
Apêndices .....	55
Apêndice 1. <b>Guião de entrevista</b> .....	55

## I. Introdução

Tem-se assistido desde o final dos anos sessenta, com a história colonial, mais precisamente com a pós-colonial, ao início da história da migração para Portugal (Pereira, *Replacement Migration and Changing Preferences: Immigrant Workers in Cleaning and Domestic Service in Portugal.*, 2013), junto a este fenómeno, assistimos a um Portugal que se começa a ressentir em vários setores da vida social com o fenómeno do envelhecimento. Além de se ter vindo a tornar um país com mais idosos do que pessoas em idade ativa, estas pessoas completaram graus de ensino mais elevados com o passar dos anos, por essa razão, acabam por sair de Portugal para poderem explorar um mercado de trabalho que atualmente está mais aberto do que nunca, procurando oportunidades muitas vezes fora das fronteiras nacionais, deixando um país num clima de fragilidade pela falta de mão-de-obra existente.

Neste cenário, Portugal encontra-se a necessitar de trabalhadores, tornando-se assim apelativo a indivíduos de outros países, por diversas razões esclarecidas ao longo trabalho. Acreditando que grande parte dos estudos sobre inserção de populações migrantes nos mercados de trabalho são realizados a partir do estudo de nacionalidades com expressões significativas em certos países, que criam comunidades de co-nacionais de suporte a todos os semelhantes (Gaspar, 2020), o presente estudo distingue-se destas análises por se cingir à interpretação da experiência de migração e de inserção no mercado de trabalho da amostra de uma população pouco representativa em Portugal. A seleção desta amostra fez-se por base de um método não probabilístico, através da técnica de bola de neve, não representativa da população chilena, contudo, bastante relevante para a coleta dos dados queridos e a interpretação da experiência passada por cada participante.

Gaspar (2020) afirma que a presença de familiares e co-nacionais são fatores realmente relevantes quando os indivíduos decidem migrar para outro país em busca de novas oportunidades laborais. Sabendo que a população chilena em Portugal é ínfima, exponho três curiosidade da análise:

1. Que experiências passadas pelos migrantes os trouxe a Portugal, compreendendo as suas razões para a escolha deste país, ao analisar a sua experiência migratória;
2. Compreender a experiência laboral dos participantes, especificamente, o processo de inserção laboral no mercado de trabalho português;

3. Perceber se existem ligações que permitem o apoio e transferência de recursos entre co-nacionais e tornado mais e melhores oportunidade de inserção no mercado de trabalho dos recém-chegado;

4. Constatar de que forma é que o, possível apoio dos co-nacionais foi determinante para o sucesso dos indivíduos no mercado de trabalho.

De forma a responder às curiosidades colocadas anteriormente, a metodologia de investigação foi de natureza qualitativa, através da elaboração de um guião de entrevista semi-estruturado. A amostra da população chilena foi construída através do uso de um método não probabilístico, apresentado como “técnica de bola de neve”, alcançando quatro participantes, dois de Lisboa e dois do Porto, com idades compreendidas entre os 28 e 24 anos. Esta amostra, aparentemente pequena, é resultado do número de indivíduos chilenos em Portugal, uma vez que quantos mais indivíduos houver, maior será a chance de conseguir mais participantes e, por outro lado, é também um prévio indicador do tipo de relação que a população chilena consegue ter entre si, como abordado ao longo do trabalho. Contudo, quando conhecidos os participantes, torna-se uma amostra muito rica, pela diferença de tempo de estadia em Portugal, de condições de vinda e laços estabelecidos em Portugal, pelas experiências únicas vividas que tornam os indivíduos mais ricos em capital humano, pelas qualificações que determinam a sua experiência no mercado de trabalho e pelas iniciativas autónomas singulares a cada identidade pessoal criadoras de união.

#### Apontamentos Iniciais

A migração é um dos fenómenos mais importantes para as sociedades, influenciado bastante a composição das quais se integram mais tarde. Estudos em torno do tema focam-se muito em números, tendo uma abordagem muito objetiva, contabilizando entradas e saídas de indivíduos. Por esta razão, o presente estudo se torna tão fundamental, para dar voz aos indivíduos contados em estatísticas, compreendendo o seu percurso e as experiências pelas quais passaram para conhecermos melhor a realidade em que estamos inseridos e os demais iguais a nós que nos rodeiam.

Inicialmente, é imperativo que a definição de emigração e imigração estejam claros, de forma a prosseguir o trabalho com a certeza de que os conceitos estão claramente definidos. Fundada em 1951, a Organização Internacional para as Migrações, é a principal organização intergovernamental em torno do tema migração, trabalhando com 173 Estados-Membros e 8 Estados com o estatuto de observadores (OIM) agindo de forma a

“garantir a gestão ordenada e digna da migração para o benefício de todos, para promover a cooperação internacional em questões de migração, para auxiliar na busca de soluções práticas para problemas de migração e prestar assistência humanitária aos migrantes necessitados, incluindo refugiados e deslocados internos.” (Organização das Nações Unidas).

A OIM define o conceito migração como sendo um

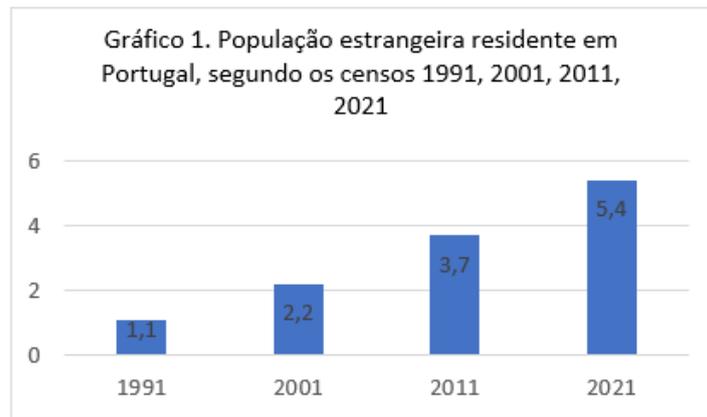
“Processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes económicos.” (OIM, Glossário sobre Migração, 2009, p. 40)

Tornando-se a imigração, um processo “através do qual estrangeiros se deslocam para um país, a fim de aí se estabelecerem.” (OIM, Glossário sobre Migração, 2009, p. 33).

Segundo Oliveira e Gomes (2015), Portugal é um país de migrações, fazendo com que Portugal se torne um país com bastantes transformações sociais tanto a níveis económicos, jurídicos, sociais ou culturais, sendo hoje como é (Góis & Marques, 2018, p. 126). Para Góis e Marques é impensável pensar Portugal sem pensar no seu fluxo migratório, de tão fortes são as marcas deste fenómeno na sua história. Segundo Corkill (2010), desde 1995 que Portugal tinha vindo a experienciar “a phenomenon that occurred in northern Europe three or four decades earlier.” (p. 828), referindo-se ao aparecimento de uma prosperidade, de um envelhecimento populacional e de uma crescente escassez de mão-de-obra no país.

Imigração em Portugal: Um cenário heterogéneo

Apesar da percentagem de crescimento do número de entrada de população estrangeira em Portugal se estar a esbater, a sua tendência evolutiva tem sido sempre positiva, o que resulta num maior número de população estrangeira a residir em Portugal, tal como podemos verificar no gráfico 1.



Fonte: Sefstat Portal de Estatística

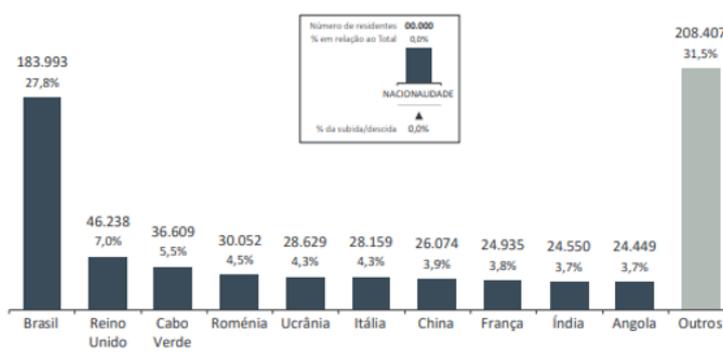
Ao analisar a história da imigração em Portugal, Baganha, Marques e Góis (2009) repartiram-na em três momentos. Um primeiro, caracterizado pelo processo de descolonização resultado da Revolução de 1974, desta forma, “Durante este período de transição, aproximadamente meio milhão de nacionais portugueses regressaram a Portugal.” (Baganha, Marques, & Góis, 2009, p. 124), tornando-se assim um primeiro número significativo de imigrantes a criar uma comunidade, segundo os autores, que aumentou mais tarde com o processo de reunificação familiar e de iniciação de novas famílias em Portugal. Mais tarde, em 1986, Portugal ao entrar para a CEE (Comunidade Económica Europeia), cria, segundo os autores, o segundo momento na história da imigração, fomentada pelo investimento em Portugal que criou a oportunidade de criar inúmeras obras públicas e de construção civil. Com este avultado investimento, foram criadas incontáveis ofertas de trabalho que resultaram num aumento da procura de mão-de-obra para estes setores, que suscitou a curiosidade de novos imigrantes dos PALOP, maioritariamente vindos de Cabo Verde. A terceira fase, interligada com a segunda, dá-se pós-2000, na viragem do século, num cenário caracterizado pela entrada de imigrantes que vieram responder às oportunidades de emprego que Portugal tinha para oferecer no sector da construção civil, obras públicas e turismo. Desta maneira, a população imigrante tornou-se mais heterogenia e diversificada em termos de origens nacionais (Baganha, Marques, & Góis, 2009, p. 26). Autores como Baganha, Marques, Góis (2009) e Corkill (2010) caracterizaram esta diversidade de fluxos como sendo resultado de um modelo clássico de “push and pull” que se traduz em fatores de empurrão e fatores de atração. Estes fatores caracterizam a migração como um fenómeno que deixa de ser impulsionada apenas por motivos económicos em busca de melhores oportunidades de emprego, podendo ser impulsionados por fatores dentro do país de origem que empurram os

indivíduos a sair. O que estes autores afirmam é que existe uma série de outros fatores, por exemplo, crescentes crises sociais, tal como acontece na América do Sul, ou guerra e conflitos religiosos como no Magrebe e na África Subsariana que empurram as populações dos seus países. Em contrapartida, encontram noutros países um cenário que lhes proporcione um maior bem-estar a vários níveis da sua vida, sejam mais e melhores oportunidades de emprego (Corkill, 2010, p. 831) ou melhores oportunidades em termos pessoais, como a segurança e qualidade de vida, como veremos adiante.

A pertinência da investigação

Um estudo realizado em 2020 pelo SEF, verificou que há certas nacionalidades mais numerosas, nomeadamente: a brasileira, a britânica, cabo-verdiana, romena, ucraniana, italiana, chinesa, francesa, indiana e angolana (Reis, Sousa, & Machado, 2021, p. 21).

**Gráfico 2. Nacionalidades Mais Representativas**



Fonte: Sefstat Portal de Estatística

Segundo o relatório do SEF, os motivos mais apresentados para obterem a licença dos títulos de residência foram a atividade profissional, o reagrupamento familiar e a intenção de estudar. Como já referido por Gaspar (2020), a presença de familiares ou de grupos co-nacionais são fatores importantíssimos na tomada de decisão dos pré-imigrantes sobre sair do seu país de origem, tornando-se assim, fatores de apoio e de entajuda que facilitam um possível sucesso dos indivíduos recém-chegados.

Presente estudo: a população chilena

Vários são os autores que realizaram estudos sobre as experiências de inserção de imigrantes no mercado de trabalho português (Carriero, 2020; Fellini et al., 2003; Peixoto, 2008; Machado, 2008; Trovão, 2016, Marques & Góis, 2008, Oliveira et al. 2019, entre outros), mas poucos se focam em populações pouco numerosas e na forma como estas estabelecem contacto entre si ou se apoiam enquanto elementos co-nacionais.

Como podemos constatar do Quadro 1, o número de estrangeiros chilenos que se encontram em Portugal é muito reduzida, principalmente quando comparado com o número das nacionalidades representadas no Gráfico 2.

**Quadro 1. Stock de População Estrangeira Residente total e chilena, por sexo**

NACIONALIDADES	Stock		
	TOTAL	Homens	Mulheres
Chile	409	195	214

Fonte: Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2021- SEF

Por esta razão, o que tenciono é entender de que mecanismos sociais os imigrantes chilenos, que fazem parte de uma população pouco representada em Portugal, se regem no momento de inserção no mercado de trabalho português. Compreender a razão que os trouxe a Portugal e se conseguem criar ligações ao ter contacto com outros migrantes chilenos, abastecendo-se de recursos importantes para a sua inserção e sucesso no mercado laboral. É interessante, compreender como foi a sua integração, quais são os seus círculos e se, no caso de terem contacto com co-nacionais, de que forma é que estes criam uma ligação que permita o apoio e ajuda no momento de inserção laboral.

## II. Revisão da Literatura

A teoria de Mobilidade: quadro de capital-mobilidade e transferência de recursos

Tan et al. (2022) num estudo que pretendia estudar as razões que afetam migrantes qualificados a se deslocarem, os autores propõem abordar o tema através de um modelo conceptual que tem por base um “capital-mobility framework” (Tan, Li, & Tsuda, 2022, p. 2). Os autores afirmam que apesar da existência de vários estudos sobre migração qualificada, todos estes se focam bastante na mobilidade do individuo e não ponderam sobre determinantes que a tornam impossível, criando assim, uma experiência de imobilidade. Contudo, é defendido pelos autores que os fenómenos não são dicotomias, que as imobilidades não são todas negativas e involuntárias, sendo muitas vezes a decisão consciente e voluntária dos migrantes, com resultados bastante positivos. Os autores criaram o modelo de aspiração/capacidade que analisa a existência de quatro formas de imobilidade e mobilidade, são elas:

“mobility (migrants have both the aspiration and capability to migrate), involuntary immobility (they have the aspiration but not the capability to migrate), voluntary immobility (they have the capability but no aspiration to migrate) and acquiescent immobility (they have no aspiration nor capability to migrate).” (p.3)

Os autores encontraram alguns defeitos na criação de este modelo, inicialmente, com o facto de que a importância dada ao fenómeno da mobilidade e ao fenómeno da imobilidade têm pesos diferentes, uma vez que as intenções de mobilidade (voluntária e involuntária) são pouco examinadas, quando comparadas com o exame feito às imobilidades. Em segundo lugar, veremos adiante que o princípio que guia este modelo, é a capacidade de migrar que os indivíduos têm. Esta capacidade é avaliada através da ponderação da acumulação de capital e à sua transferibilidade e convertibilidade através do espaço, são estes os fatores que, segundo os autores, influenciam a mobilidade e imobilidade dos migrantes. Esta distinção entre estes dois fenómenos, provocam a segunda crítica dos autores ao seu modelo, uma vez que “the framework does not conceptualize the migration trajectory as a continuum between mobility and immobility.” (Tan, Li, & Tsuda, 2022, p. 3).

Principais conceitos: capital humano, capital cultural, capital social

Ao estudar os migrantes qualificados que partem dos EUA para a China, Tan, et al. (2022) utilizam a teoria de Bourdieu (1986) que identifica os principais capitais, tais como, cultural, social, económico e simbólico. Segundo os autores, o nível de aspirações

migratórias acompanhava o nível de acúmulo de capital humano, social e de cidadania, facilitando a mobilidade voluntária verificada nos indivíduos estudados. Ora, o capital humano, apontado como fundamental para a mobilidade, é verificado através da posse de diplomas e qualificações profissionais que os indivíduos trazem do seu país de origem e que lhes trouxe mais oportunidades de emprego no país de destino. Quando chegados à China, verificaram que os “their English language skills were desired in the local labor market, especially when obtaining jobs as English language teachers,” (p. 11), fazendo com que tivessem um acúmulo elevado de capital simbólico enquanto possuidores de capital cultural. Estes capitais podem ser convertidos em capital económico, uma vez que, possuindo o capital humano e cultural necessário ao desempenho de funções esperadas, serão recompensados com bons salários através de empregos qualificados que lhes trará uma certa estabilidade financeira. O capital social é, por sua vez, acumulado através de ligações estabelecidas no passado com indivíduos, no caso, chineses, que tornam possível aos migrantes ter uma perceção do futuro que a China lhes pode proporcionar e, mais tarde, servir de meios para assegurar oportunidades na China.

As quatro categorias de mobilidade

Tal como descrito, Tan et al. (2022) criaram quatro categorias de mobilidade que se alteram consoante a capacidade que os indivíduos têm para migrar de acordo com o nível de acumulação de capitais.

Mobilidade Voluntária

Nesta categoria, encontram-se os indivíduos que têm a aspiração e a capacidade para migrar, devido à capacidade de transferir os capitais acumulados além-fronteiras. Assim, o desejo é conivente com a capacidade de migrar dos indivíduos. No estudo, a migração qualificada de americanos para a China é um bom exemplo de mobilidade voluntária, uma vez que são indivíduos que não só, têm o desejo de migrar, como também são possuidores de capital humano e social, valorizados na China, que concebia a sua transferibilidade, podendo ser convertidos em capital económico e simbólico após a chegada à China.

Imobilidade Voluntária

É uma categoria criada por indivíduos que têm a aspiração e a capacidade de permanecer no local onde já se encontram. Esta capacidade de decisão é-lhes dada pelo elevado nível de acumulação de capitais e de convertibilidade dos mesmos no país de residência atual.

Desta forma, o desejo de permanência é possibilitado pela capacidade dos indivíduos de se manter no mesmo país.

#### Imobilidade Involuntária

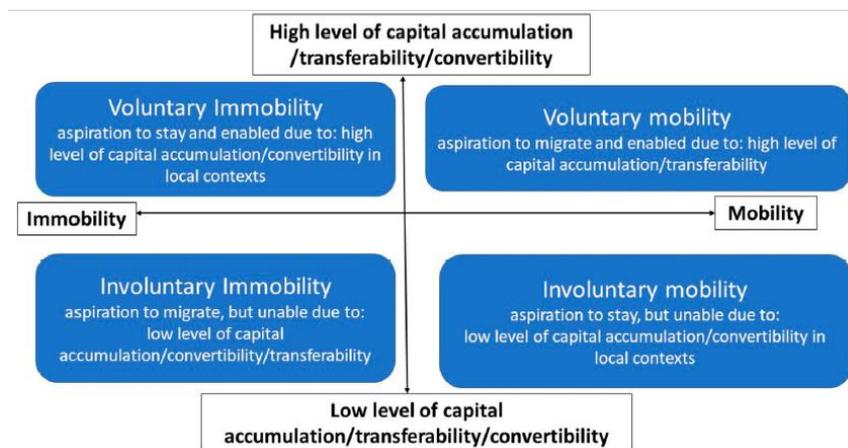
Neste caso, os migrantes têm a aspiração de migrar, mas como a acumulação, convertibilidade e transferibilidade de capitais além-fronteiras é baixa, resulta na falta de capacidade de migrar, realçando os constrangimentos impostos ao desejo de migrar dos indivíduos.

#### Mobilidade Involuntária

Nesta categoria, os indivíduos têm a aspiração, mas não têm a capacidade necessária para poder ficar no país de residência atual, uma vez que o nível de acumulação de capitais e a capacidade de convertibilidade dos mesmos, é baixa. Evidenciando os constrangimentos existentes que oprimem o desejo de permanecer no país de residência atual dos migrantes.

Esta teoria demonstra o poder que os capitais e a sua transferibilidade e convertibilidade detém nas tomadas de decisão dos indivíduos, uma vez que é todo esse processo que torna os indivíduos com a capacidade ou a falta da mesma para migrar.

**Fig. 1 O quadro conceptual da Capital-Mobilidade**



Fonte. Tan et al. (2022, p. 3)

O desperdício de cérebros como uma realidade atual Fossland (2013), ao realizar um estudo na Noruega para analisar as existentes discrepâncias entre o trabalho que migrantes qualificados executam e as suas qualificações, depara-se que, em momentos em que os capitais que migrantes trazem do seu país de origem não são passíveis de serem transferíveis, mas mesmo assim, os migrantes decidem migrar, dá-se o fenómeno a que a autora denominou de desperdício de cérebros. Segundo a autora, este fenómeno é realizado quando migrantes aceitam

“unskilled jobs despite having professional qualifications.” (p. 276), afirmando ser bastante comum a existência de migrantes com qualificações de medicina a trabalhar como taxistas. Segundo a autora, não foi apenas a discrepância entre as qualificações do migrantes e os trabalhos prestados pelos mesmos que a tornou capaz de utilizar este termo, a realidade vivida era caracterizada por haver falta de trabalhadores qualificados, esta falta era muito sentida também no sector da saúde, enquanto migrantes qualificados não eram aproveitados para atenuar esta realidade, resultando na criação do termo “desperdício de cérebros”.

A autora defende que

“When skilled migrants move across borders, they often experience a lowering of their status and the above-mentioned struggle to match their employment and skills, and consequently many have to retrain and acquire new skills” (Liversage 2009; Chiswick et al. 2005; Orupabo 2010 apud Fosslund, 2013, p.276)

Refletindo sobre este fenómeno, a autora questiona-se sobre a razão que faz os migrantes altamente qualificados a aceitar trabalhos que não correspondem às qualificações que possuem.

Principais conceitos: geografia temporal, trajetórias, campo social

A migração qualificada não é, segundo a autora, uma nova realidade, mas a atualidade mostra que o número de migrantes e as tendências migratórias têm vindo a alterar-se bastante.

O conceito de geografia temporal, apresentado pela literatura que estuda as dimensões temporais dos processos de migração-integração (Hägerstrand 1982; King et al. 2006; Liversage 2009 apud Fosslund, 2013, p.277), oferece-nos uma metodologia que interliga indivíduos móveis e contextos sociais, à sua localização e ao período de tempo, através da utilização de conceitos como: “trajetórias” e da noção de campo social e de capital de Bourdieu.

Trajetoórias

O conceito de trajetórias, refere-se “to human movements from position to position within a stratified social field.” (Fosslund, 2013, p. 277)

Campo social

O conceito de campo social “can also be useful as he understand fields as positions that are interrelated and characterised by the distribution of different kinds of capital that are specific to each field.” (Fosslund, 2013, p. 277).

Ao analisar a obra de Favell & Smith (2006), Fossland encontra evidências que demonstram a realidade de muitos migrantes com qualificações elevadas e que, no momento em que atravessam as fronteiras, o seu capital humano não é transferível nem se converte no novo campo social, passando de migrantes altamente qualificados para migrantes não qualificados. Esta alteração repentina do estatuto do migrante acontece devido à especificidade de cada campo social. Através dos três tipos fundamentais de capital (económico, cultural e social), assim se distribuem as relações de poder em diferentes campos do mercado de trabalho, ou seja, consoante o campo social que estejamos a observar, assim serão os valores atribuídos aos diferentes capitais. Portanto, o que num campo social do mercado de trabalho pode ser entendido como uma qualificação valiosa, num outro campo social, poderá não ter esse valor. Desta forma, a posição dos migrantes também variará nos diferentes mercados de trabalhos. Por exemplo, Csedö (2008), ao estudar a participação dos migrantes altamente qualificados no mercado de trabalho, faz uma distinção “between ‘highly qualified’ and ‘highly skilled’ migrants in an attempt to capture the cultural and relational processes involved.” (apud Fossland, 2013, p.277), exatamente para perceber a forma como diferentes campos sociais valorizam de forma diferente os capitais acumulados pelos migrantes. Desta forma, ‘highly qualified’ diz respeito à educação superior à qual os indivíduos tiveram acesso e usufruto e ‘highly skilled’ diz respeito às capacidades que o indivíduo tem de transferir conhecimentos, que poderão não ter sido adquiridos através da educação, para o contexto do novo campo social. Ora, imaginemos que num campo em que o mais valorizado são as capacidades que o indivíduo tenha e não a sua educação superior, se o indivíduo possuir a última, esta não lhe conferirá um aumento do nível de capital humano, uma vez que esse não é o capital a ser valorizado nesse campo, mesmo que no campo social anterior fosse bastante. Como é o caso dos trabalhadores de saúde, demonstrado pela autora, enquanto um exemplo perfeito do desperdício de cérebros, uma vez que, sendo migrantes altamente qualificados que não conseguem adquirir um trabalho qualificado, encontravam trabalho, mas pouco qualificados porque a valorização dada à sua qualificação formal num outro campo social, não é a mesma que é dada no campo social do país de destino.

Narrativas autobiográficas: Tendências culturais coletivas e tendências individualistas de Kaźmierska , Piotrowski & Waniek (2011)

O pão com manteiga de Ewa Morawska

Numa análise de entrevistas narrativas autobiográficas com trabalhadores transnacionais, Kaźmierska et al. (2011) analisam as razões que fazem com que os indivíduos deixem o seu país. Os autores afirmam que devemos analisar e tentar compreender a mobilidade, por um lado, enquanto resultado de uma escolha dotada de significados dados pelos próprios indivíduos, por outro, enquanto escolha de indivíduos que estão circunscritos em determinadas circunstâncias culturais, económicas e políticas. Os motivos são cada vez mais variados, mas continua a existir quem dê vida ao modelo clássico de migração económica e migre como motivo principal o trabalho, “connected with collective macro-structural conditions which are experienced by individuals as unbearable.” (Kaźmierska , Piotrowski , & Waniek, 2011, p. 141), fazendo com que as pessoas tenham de fugir de situações desesperantes, tal como a falta de recursos económicos), contudo, contrariamente a este modelo, apareceu o pão com manteiga de Ewa Morawska. O pão com manteiga aparece devido a uma mobilidade cujo motivo não mais é o de sair de uma zona extremamente pobre, para se moverem para países mais ricos com o propósito de adquirirem o básico (o pão), mas sim, mover-se para o mercado de trabalho além das suas fronteiras com o propósito de se tornarem bem-sucedidos (pão com manteiga), a ideia já não é a de sobreviver, mas sim corresponder a uma expectativa económica e social.

Tendência cultural coletiva e tendência individualista

Apesar de ir contra esta ideia, Kaźmierska et al. (2011) apresentam a crença de alguns estudiosos sobre a existência de uma migração que é orientada por um valor materialista. Esta migração, vista como uma tendência cultural coletiva dá-se, segundo o autor, quando os indivíduos antes de migrarem, têm em conta uma panóplia de fatores económicos, nomeadamente, as oportunidades que o mercado está a oferecer, as diferenças salariais existentes entre o país de origem e o de destino ou as possibilidades de se poderem desenvolver onde estão antes de mudarem de mercado de trabalho. Contudo, o autor acredita que muitas vezes, essas orientações podem ser enviesadas pelo desejo que os indivíduos têm de melhorar as suas condições de vida, independentemente do trabalho que farão depois de migrarem.

Os autores afirmam que usaram conscientemente

“the term “desire”, since while in some cases a well developed biographical action scheme may occur and be grounded in rational expectations, in many other cases that desire is based on a sort of the myth of wealthy and rich West (a “Promised Land”)”

(Kaźmierska , Piotrowski , & Waniek, 2011, p. 144)

Este desejo é então algo irracional, baseado em desejos criados pela interiorização de informações retiradas de discursos públicos e privados com base em histórias de vida de outros indivíduos que foram bem-sucedidos no estrangeiro, resultando em mais indivíduos a migrar, a este fenómeno os autores denominem de “tendência cultural”.

Por outro lado, os autores abordam uma outra tendência a que denominaram de tendência individualista. Nesta tendência estão incluídos indivíduos que decidem deixar o seu país com o intuito de desenvolver a sua educação, aumentar as suas experiências profissionais e competências adquiridas, criar redes pessoais e profissionais, entre outros motivos com o intuito de autodesenvolvimento. Por estas razões, o país para o qual decidem migrar é, segundo os autores, previamente escolhido cuidadosamente de forma a ter em conta as oportunidades que este lhe tem para oferecer a longo prazo (Kaźmierska , Piotrowski , & Waniek, 2011, p. 144).

‘Escape from’ - ‘Escape to’

Migrar por motivos que não sejam inicialmente o trabalho é também um tema abordado pelos autores, declaram que o número de pessoas a deixar o seu país de origem por outras razões que não as económicas têm vindo a aumentar. Ao longo do seu estudo, os autores descobriram novas categorias dentro do tema motivos para migrar, nomeadamente, o motivo de fuga. Este está relacionado a momentos em que os indivíduos decidem migrar devido a “deep biographical dissatisfaction. Going abroad is expected to be the solution” (Kaźmierska , Piotrowski , & Waniek, 2011, p. 148). É neste sentido que criam duas categorias: “escape from” overwhelmingly unbearable life circumstances and “escape to” Europe in search for space of individual expression and development.” (Kaźmierska , Piotrowski , & Waniek, 2011, p. 139). Por um lado, a ‘fuga de’ aparece como um modelo que tem por base um plano intencional biográfico, isto é, como solução a uma trajetória oprimida relacionada com opressões num meio mais local, eventualmente em casa, inclusivamente, por outro, a ‘fuga para’ indica a fuga dos migrantes para estrangeiro numa tentativa de se distanciar da cultura original, da família ou de certas condições de vida que possam ser consideradas insuportáveis e sufocantes, servindo de mecanismo de

empurrão para os indivíduos deixarem o seu próprio país em direção, segundo os autores, à Europa por parece ser um espaço que possibilita cuidar certos sofrimentos e lidar com algumas desorientações pelas quais as pessoas passam na vida.

### Adaptação cultural dos migrantes

#### A troca de recursos no momento de chegada

Um dos primeiros desafios a que os recém-chegados enfrentam é a experiência de acolhimento. Encontrando-se num momento em que estão longe dos seus conhecidos em quem têm confiança para entrar numa nova comunidade ainda desconhecida. Segundo Griffin e Glover (2020), o acolhimento traz alterações na identidade pessoal devido à possibilidade que o contexto de acolhimento fornece para criar relações renovadas e trocar novos recursos. Este fenómeno resulta, não só numa alteração da identidade pessoal, mas também e ao mesmo tempo numa familiaridade com a cultura do país de destino onde se encontra. Durante o estudo, os autores aperceberam-se da existência de uma teoria que argumenta que a prática de visitar amigos e familiares é uma prática que permite a transferência de recursos entre diferentes campos sociais, através dos laços criados entre quem chega, quem os recebe e a comunidade do país de acolhimento, contudo, nota que existe uma lacuna nessa literatura. Através da teoria dos capitais de Bourdieu (1986, 1989 apud Griffin & Glover, 2020), os autores afirmam que após a chegada dos indivíduos, a troca de recursos pode não ser tão orgânica quanto era descrito na literatura. Até então, a transferência de recursos era algo simples, desde o momento em que os indivíduos criem ligações com outros indivíduos, contudo, os autores, acompanhados pela teoria dos capitais, defendem que para que ocorra uma transferência de recursos, inicialmente os indivíduos precisam de ser aceites nas redes e que esta aceitação depende da demonstração de capital cultural e de familiaridade com o campo social em que estão inseridos (Griffin & Glover, 2020, p. 2). Segundo Glover & Hemingway (2005) e Portes (2000b) “Members of a network draw upon social capital to access resources such as financial or emotional support, information, and introductions.” (apud Griffin e Glover, 2020, p.4), existindo uma relação de transferência de recursos de boa vontade, baseada na confiança e ajuda mútua. Contudo, para que esta relação seja criada, segundo Griffin e Glover (2020), é necessário que os indivíduos sejam possuidores de capital cultural apropriado que será visível para os demais à sua volta. Segundo Bourdieu (1986 apud Griffin & Glover, 2020), o capital cultural dos indivíduos pode ser identificado de três formas: a primeira é objetificado, quando o capital ganha forma material visível ao olho humano, por exemplo, roupas que os indivíduos usem ou peças

de arte que possuam. A segunda é institucionalizada, através, por exemplo, das qualificações que os indivíduos tenham, a terceira e não menos importante é através “long-lasting dispositions of the mind and body” (Moore, 2008, p.47 apud Griffin e Glover, 2020, p.5), como por exemplo, a comunicação não-verbal e o estilo de vida que o indivíduo acarreta que irão funcionar como formas dos demais o perceberem e categorizarem.

A incorporação de capital cultural como forma de inserção na comunidade do país de acolhimento: o *habitus*

São nas interações sociais que se criam laços e se renovam as redes. Tal como no desporto, é necessário os indivíduos saberem as regras e os papéis do campo para saberem avançar. O *habitus* “refers to an actor’s orientation or predisposition resulting from a long process of cultivation and serves as a common sense to guide them to (re)act, even unconsciously” (Johnson, 1993 apud Wong and Liao, 2022, p.1) é, segundo Lee et al. (2014), Moore (2008) e Pret et al. (2016) “the relationship between a person’s dispositions and the social field, or the extent to which not only the rules, but also strategic understanding are internalized” (apud Griffin e Glover, 2020, p.5) compreendendo as regras e papéis que os indivíduos dispõem para se moverem no campo social. O *habitus* não é algo que o indivíduo consiga alterar imediatamente e, em momentos de mudanças repentinas como pode ser o caso da migração, pode levar a sentimentos de mal-estar e de grandes incómodos. Só com o passar do tempo é que os indivíduos vão incorporando as regras do novo campo social em que estão inseridos, podendo dessa forma, converter de forma mais facilitada os seus capitais. Segundo os autores, há certos momentos, como a prática de atividades de lazer que ao colocar os indivíduos em ambientes mais descontraídos, facilita a interação entre os mesmos. Estas interações, por sua vez, facilitam a aprendizagem cultural e a capacidade de interpretar vivências no novo campo social através do desenvolvimento do capital cultural, simultaneamente que os recém-chegados interagem com os membros da sociedade de destino (Griffin & Glover, 2020, p. 12).

Principais conceitos: “nicho imigrante”, código de discurso

Além das atividades de lazer, um dos pontos mais fundamentais na literatura sobre a inserção de imigrantes na comunidade, é o tema da participação dos mesmos no mercado de trabalho, analisado por Anna Przybyszewska (2022). A autora defende que o local de trabalho é um dos locais mais propícios à transmissão cultural, uma vez que proporciona oportunidades únicas de reconhecimento, de avaliação e de adaptação às normas, valores e padrões do novo campo sociocultural em que os indivíduos estão inseridos. Durante a

sua análise, Przybyszewska (2022) defende que após a chegada ao país de destino “Migrants take jobs in niche economies, thereby working below their qualifications.” (p. 1249), trazendo maiores desafios para a integração e incorporação dos códigos culturais da comunidade de acolhimento, uma vez que as chances de se relacionar com indivíduos não-migrantes é menor. Ao mesmo tempo que ao analisar os percursos de inserção laboral de migrantes e não-migrantes, a autora relata que imigrantes sofrem mais situações precárias, subemprego e discriminações no mercado de trabalho do país de acolhimento (Bendixsen et al., 2018 apud Przybyszewska, 2022, p. 1249). Segundo Bauder et al. (2006, 2008), estas condições, levam a que o mercado de trabalho de torne mais etnicamente segmentado, criando assim os nichos de imigrantes (apud Przybyszewska, 2022, p. 1250). Przybyszewska (2022) destaca que a longo prazo, migrantes que apenas se relacionam ocasionalmente com não migrantes, criando uma relação com estes de mal-entendidos culturais e de desconfiança sobre o desconhecido, em contraste com migrantes que decidem e tem a oportunidade de trabalhar fora dos nichos de imigrantes que lhes dá a oportunidade de compreender com maior facilidade as diferenças culturais existentes, adaptando-se mais desembaraçadamente.

O conceito “nicho imigrante” diz respeito a locais de trabalho que são constituídos por imigrantes, sejam eles cadeias de restaurantes específicas que empregam exclusivamente ou indivíduos nascidos na cultura ou imigrantes que se inserem na cultura do país de destino. O estudo de Przybyszewska (2022), pretende compreender de que forma é que o trabalho impacta os nichos de imigrantes e o seu contacto com membros da sociedade de destino, concluindo que o local de trabalho é um local chave na transmissão cultural de valores, normas e códigos culturais. Perante este cenário de segmentação, a autora questiona-se de que forma é que esta separação com base em diferenças culturais influencia a forma como as partes se comunicam, uma vez que, para a comunicação ser clara, é necessário haver momentos que proporcionam a transmissão cultural dos indivíduos do país de acolhimento para ao imigrantes. Esta transmissão cultural baseia-se na passagem de recursos linguísticos, culturais e sociais dos membros da sociedade de acolhimento para os migrantes, sem estes recursos, a transferibilidade das suas competências profissionais para o mercado de trabalho será muito mais dificultado.

O conceito de código de discurso diz respeito a um “resource that members of a certain speech community share for conducting and interpreting speech.” (Przybyszewska, 2022, p. 1253), o código de discurso passa a ser também um recurso importante que é obtido

através da transmissão cultural, é através dele, que os migrantes têm a capacidade para reconhecerem certas regras que não estão escritas. Esta capacidade é obtida através de vários encontros interculturais onde os migrantes ganham uma percepção dos seus próprios comportamentos e do seu *habitus*, de forma a renegociar as suas percepções e a reconstruí-las de forma a se adaptar ao novo campo social em que está inserido. Este conceito permite a análise da forma como os migrantes utilizam os recursos para interpretar as suas próprias ações e as dos outros. Segundo a autora, muitos dos participantes do seu estudo, só iniciaram o seu processo de busca por um emprego após a chegada ao país de destino e, para muitos, o momento da entrevista foi dos poucos em que tiveram contacto com membros da sociedade de acolhimento, tornando-se muito difícil a adaptação dos migrantes à nova cultura pela falta de oportunidades existentes para interiorizarem os códigos culturais do novo campo social. Segundo Dickey et al. (2018), o domínio da língua é um fator essencial, defendendo a existência de uma correlação positiva entre o domínio da língua e a conquista de um trabalho mais bem remunerado. Conseguir interiorizar o código de discurso, interpretando o que não é falado e dominar a língua fará com que os indivíduos tenham maior facilidade em entender as regras do campo social do trabalho no país de destino.

A identidade e o poder dos aprendentes de uma segunda língua: Social positioning e social participation

Como já mencionado, os recursos linguísticos têm um poder muito grande no processo de transmissão cultural, uma vez que é essencial os indivíduos se compreenderem. Schwieter e Ferreira (2020) num estudo com estudantes de uma universidade canadiana que se encontravam a participar num programa da aprendizagem da língua espanhola, discutem a possível formação de uma nova identidade no processo de aprendizagem de uma segunda língua e a forma como os aprendentes operam nessa nova língua e cultura. Os autores afirmam que a aprendizagem de línguas é “multifaceted, fluid, dynamic, a site of struggle, and shaped by power relations amongst speech communities and individuals” (Kayi-Aydar, 2012, p. 34 apud Schwieter e Ferreira, 2020, p. 66), sendo, portanto, também fruto de interações e não uma habilidade adquirida com trabalho, faz parte de um resultado de interações sociais com os demais membros não-migrantes.

Os autores avançam com uma teoria denominada ‘Social positioning’, segundo os mesmos,

“social positioning includes, among other characteristics, locating oneself and others with rights and obligations in and through language. Such positioning, therefore, allows individuals to undertake various positions that deny or give rights to other individuals including their speech and actions.” (Schwieter & Ferreira, 2020, p. 66).

Através do contributo de Harré e Slocum (2003), foram criadas três categorias de definem as ações: “Those [actions] one has done, is doing, or will do; those which one is permitted, allowed or encouraged to do; and those which one is physically and temperamentally capable of doing” (apud Schwieter & Ferreira, 2020, p. 66). A teoria do posicionamento social foca-se nestas três categorias de ações, separadas por uma linha de ações que os indivíduos acreditam ou não ter o direito de tomar. Os autores defendem que o posicionamento social não é algo estável e que depende das interações que o indivíduo esteja a realizar e da situação em que está inserido. Contudo, a longo prazo, a acumulação das posições que o indivíduo decidiu tomar, formam parte da sua identidade, trazendo implicações para a forma como nos comportamos e comunicamos. Desta forma, as interações sociais e, conseqüentemente, a aprendizagem de uma língua formará novas identidades no aprendiz, segundo Latecka (2013) para que se dê esta alteração na identidade do aprendiz, é necessário que este passe por uma fase caracterizada pelo sentimento de ansiedade, de crise existencial ou de uma grande angústia. Só após estes momentos serem ultrapassados e os fundamentos e princípios serem restabelecidos, é que a nova identidade surge.

Ao trazer para a luz o conceito de participação social, Schwieter e Ferreira definem-no “as the degree of involvement in the activities of a social group” (Prohaska, Anderson, & Binstock, 2012 apud Schwieter & Ferreira, 2020, p. 65) e defendem que o processo de aprendizagem de uma nova língua, não só, altera a identidade dos indivíduos migrantes, como também altera a sua forma de participação social. Os alunos entrevistados, quando lhes pedido para refletirem à cerca da sua participação social, todos a caracterizaram como tendo sofrido uma evolução positiva, incluindo relatos sobre aquisição de novas formas de perceber e entender a realidade de certos fenómenos, podendo agir sobre certos problemas ou acontecimentos de forma totalmente diferente do que seria a sua forma natural de agir antes de ter contacto com uma outra cultura, assimilando um novo *habitus* ao ser criada uma nova identidade.

A teoria dos recursos sociais: a importância dos laços pessoais num momento de necessidade de recursos

Segundo Kosyakova e Gërkhani (2019), aquando a chegada de migrantes a um novo campo social, a criação de ligações com outros indivíduos também migrantes fá-los ter a oportunidade de beneficiar de recursos relevantes. Num estudo sobre a fixação e integração laboral de imigrantes chineses de primeira geração e os seus descendentes em Portugal, Gaspar (2019) apresenta o termo *guanxi* que se traduz em ligações pessoais chinesas. Este termo é visto como um fator importante para a evolução positiva e crescimento económico da população imigrante chinesa. Estas ligações, segundo a autora, intercedem em favor dos seus conhecidos como promotores dos seus recentes negócios, tendo por base uma ligação com fundamento na partilha de nacionalidade e que, mais tarde, é alterada por uma ligação empresarial de forma a fortalecer e a ampliar as oportunidades dentro do mercado. Autores como Dickey, Drinkwater e Shubin (2018), Gaspar (2019), Góis e Marques (2020) e Azevedo (2022) encontraram uma variável importantíssima na chegada e na forma como os imigrantes se inserem no mercado de trabalho e na vida social do país de destinos: ligações entre indivíduos baseados em laços pessoais. Segundo Góis e Marques (2020) num estudo cujo objetivo foi o de compreender os fluxos migratórios portugueses contemporâneos intra EU, de forma a demonstrar as semelhanças e diferenças quando comparados com os fluxos anteriores, deram conta de que “The presence of family members or friends in their host countries influenced the decision of 32.3 percent in France and 18.2 percent in the UK” (p. 2560), demonstrando a importância que a presença laços pessoais no país de destino tem no momento de tomada de decisão dos migrantes saírem do seu país de origem para outro. Gaspar (2019), além de utilizar o conceito *guanxi*, relembra que tanto a inserção na sociedade de acolhimento (enquanto núcleo que proporciona oportunidades no mercado de trabalho e no sistema político), como a existência de uma comunidade específica imigrante são variáveis importantes para o sucesso dos migrantes, funcionando como uma “social network of individuals that provide ethnic resources (financial support, work, clients, suppliers, and experience in entrepreneurial activities)” (Gaspar, 2019, p. 96), ideia parecida com o conceito *guanxi*, uma vez que se trata de laços estabelecidos não de forma aleatória, mas sim por meios de seleção (Kosyakova & Gërkhani, 2019, p. 6), contudo diferentes em termos práticos, como analisaremos adiante. Estes laços que criam as ligações entre migrantes mostram-se, segundo os autores, de grande importância em momentos como a procura de casa, o necessitar de ajudas para obter um crédito financiador ou para amenizar

o possível stress que possa advir de uma situação de passagem de uma cultura para a outra.

Ter acesso a um grupo social ou tirar partido desse grupo social: dois lados distintos  
De acordo com a teoria dos recursos sociais (Lin, 1999 apud Kosyakova & Gërkhani, 2019), é possível fazer-se uma distinção entre ter acesso a certas redes, termo utilizado pela autora, e ter a possibilidade de tirar usufruto das mesmas. As autoras apresentam dois lados distintos defendidos: Se por um lado, existe a teoria de que as ligações com base em laços criados pela partilha de semelhanças, levando à formação de grupos sociais restritos, após a entrada no país de acolhimento são uma ferramenta importante para que os recém-chegados tenham acesso a informações e ajudas em vários processos no momento de instalação, tais como encontrar emprego, por outro lado, existe a teoria de que estes grupos sociais entre migrantes, em nada afetam os resultados dos recém-chegados no mercado de trabalho (Kosyakova & Gërkhani, 2019, p. 8). A teoria dos recursos sociais de Lin (1999) ou também conhecida por perspectiva do capital social em rede de Mouw (2006) (apud Kosyakova & Gërkhani, 2019) define que os indivíduos fazem parte de grupos sociais que escolheram integrar, contudo, acham precipitado que se extrapule o fazer-se parte para o usufruir de recursos que as ligações que formam os grupos possam ter, para por exemplo, encontrar mais ou melhores empregos. Segundo as autoras, se houver algum momento em que as ligações influenciem os resultados do migrante na procura de emprego, essa influencia em nada está interligada à dimensão do grupo social, ou seja, não é a dimensão do grupo social em que o indivíduo está inserido que define as chances do mesmo encontrar emprego, mas sim a qualidade dos recursos incorporados das relações que estabelece.

As ligações como solução à angústia: conceitos choque cultural e apoio social

Segundo Pantelidou e Craig (2006) a angústia pela qual os indivíduos passam no momento de migrar dá-se pelo choque cultural sentido pelos mesmos. Segundo Taft (1977)

“conceptualised ‘culture shock’ as comprising six distinct aspects, including the strain of adapting to the new culture, a sense of loss, confusion in role expectations and self-identity, a feeling of being rejected by members of the new culture, and anxiety and feelings of impotence due to not being able to cope with the new environment.” (apud

Pantelidou & Craig, 2006, p. 777)

Indo ao encontro do defendido por Latecka (2013) quando se refere à angústia sentida pelos migrantes no processo de aprendizagem de uma nova língua. Contudo, os laços criados formadores de ligações e contactos sociais restritos a indivíduos que partilham semelhanças, servem exatamente como suporte a este sofrimento psicológico pelo qual os migrantes estão a passar. O apoio social “refers to ‘the specific personal provisions of social relationships and particularly their more subjective components, e.g. confiding, intensity and reciprocity of interaction and reassurance of worth” (Brugha, 1988 apud Pantelidou & Craig, 2006, p. 777), criando como que uma camada protetora ao redor dos indivíduos, protegendo-os de desagrados que os magoam psicologicamente.

Os sites de redes sociais enquanto mecanismo de busca de apoio social  
Em momentos em que os indivíduos decidem migrar para países em que existem poucas pessoas com as quais têm laços pessoais, o apoio social torna-se resultado de uma procura por ele. Tranos (2020), num artigo que explora a forma como as tecnologias e as aplicações da Internet, como sites de redes sociais, suportam as interações sociais, o autor defende que os sites propiciam um ambiente de maior possibilidade de transferências de conhecimento e exploram se estes processos complementam as interações “face-a-face” (p.408). Segundo o autor, o conhecimento é caracterizado pela sua dimensão espacial, isto é, enquanto algo corporizado nos indivíduos, o conhecimento está circunscrito a um endereço fixo onde o indivíduo se encontra. Desta forma, quando pensamos sobre a partilha e a criação de conhecimento, o único problema que se poderá criar é o geográfico, uma vez que o conhecimento está em pessoas num determinado espaço, o problema da partilha de conhecimentos passa a ter um problema geográfico de facilitação das interações entre os indivíduos. As tecnologias e aplicações específicas da internet, vieram colmatar este problema, uma vez que facilitam as interações. O conhecimento ganha uma dimensão social a partir do momento em que os meios digitais apoiam a transferências de conhecimentos entre indivíduos distanciados espacialmente entre si, mas mesmo assim em contacto (Tranos, 2020, p. 409). Light e McGrath (2010) “understand SNS [social networks sites] as socio-technical arrangements that support social relations and affiliations” (apud Tranos, 2020, p.410), criando a possibilidade dos utilizadores, em cooperação, criarem novas informações, significados e conhecimentos, estando em contacto com indivíduos que se encontram a longa distância ou não. Segundo o autor, estudos da área da geografia humana estudam um fenómeno atual desencadeado pelos utilizadores. Estes, tornaram-se criadores de conteúdos com a possibilidade de marcá-los geograficamente de forma voluntária (Goodchild 2007 apud Tranos, 2020, p.410), além

desta possibilidade, o autor dá conta de que as fronteiras nacionais e a proximidade cultural e linguística são fatores de mediação de interação dentro destes meios, contudo, argumenta que laços fortes entre grupos homogêneos, apesar de serem sustentados por mecanismos de confiança e de apoio, o resultado pode ser pouco positivo no que diz respeito à troca de conhecimentos, tornando-se repetitivo (p.411), contrariamente com casos em que, apesar das ligações serem pouco frequentes, grupos heterogêneos que trocam interações, apesar dos laços fracos que os unem, têm maior chances de transferir diferentes conhecimentos e ideias, sendo reconhecidos por certos autores como capital social de ponte (Ruef 2002; Rainie e Wellman 2012 apud Tranos, 2020), uma vez que servem de ponte para a difusão de conhecimentos entre grupos constituídos por indivíduos com laços fracos entre eles.

### III. Metodologia da Pesquisa

#### Opções metodológicas

Segundo Creswell (2003) existem três tipos de desenhos de pesquisa: o qualitativo, o quantitativo e misto. O autor defende que os três métodos não devem ser vistos como apostos, em certos casos, tornam-se complementares de uma análise. Creswell (2003), defende que “A study tends to be more qualitative than quantitative or vice versa. Mixed methods research resides in the middle of this continuum because it incorporates elements of both qualitative and quantitative approaches.” (p.22), afirmando que, normalmente, o que distingue o método qualitativo do quantitativo é a utilização de palavras no primeiro e a utilização de número do segundo, bem como a utilização de questões abertas (método qualitativo) e questões fechadas (método quantitativo).

Os objetivos do presente estudo são a exploração da experiência migratória de pessoas de origem chilena, em particular as suas razões de vinda para Portugal e consequente inserção no mercado de trabalho, bem como, compreender o processo de inserção laboral, em particular, de que forma o apoio entre co-nacionais foi determinante na inserção dos recém-chegados, ver os objetivos a metodologia mais apropriada será a de carácter qualitativo porque “is a means for exploring and understanding the meaning individuals or groups ascribe to a social or human problem.” (p.22). De forma a obter a oportunidade de compreender de forma mais completa os fenómenos e obter um retrato mais fiel da realidade, acredito que a decisão da utilizar o recurso da triangulação de dados, ao combinar várias abordagens teóricas no estudo seja a mais completa. Através da triangulação de dados, poderei absorver o que de melhor cada teoria pode oferecer, dessa forma, acredito obter um resultado mais completo porque certos pontos em diferentes teorias podem completar-se, como veremos a longo do trabalho.

Segundo Haguette (1997) “A entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (p.86), este método vai permitir-me coletar os dados e interpretar a experiência de cada participante, uma vez que são dados subjetivos, uma vez que cada vivência e experiência são únicas e estão relacionadas apenas ao indivíduo que as viveu com os valores e formas de as perspetivar e sentir. Assim, através de uma investigação qualitativa, o instrumento de recolha de dados usufruído foi a entrevista semi-estruturada. O principal motivo que levou à escolha desta estrutura de entrevista foi a possibilidade que me concede, por um lado, de comparar

respostas a um mesmo conjunto de perguntas, por outro, de criar uma certa flexibilidade para integrar certas questões fundamentais ou suprimi-las ao longo da entrevista, em momentos em que já foram respondidas pelo entrevistado de forma avançada, guiando a harmonia da entrevista. Estas foram realizadas da forma que mais conveniente para os participantes, nomeadamente, três telefonicamente, pela falta de disponibilidade horária e distanciamento geográfico, e uma presencialmente, tendo uma duração média de uma hora.

#### População e amostra

Segundo Taherdoost (2016) “The entire set of cases from which researcher sample is drawn is called the population.” (p.18), neste caso, a população em estudo é a população chilena inserida no mercado de trabalho português.

A amostra é “a subset from chosen sampling frame or entire population.” (Taherdoost, 2016, p. 20), sendo no presente estudo construída por meio de um método não probabilístico, respeitando a técnica de bola de neve definido por Breweton and Millward (2001) como um “method that uses a few cases to help encourage other cases to take part in the study, thereby increasing sample size. This approach is most applicable in small populations that are difficult to access due to their closed nature.” (apud Taherdoost, 2016). A técnica bola de neve foi preferida devido ao difícil acesso a uma população pouco numerosa em Portugal, cujo acesso seria bastante dificultado. Desta forma, o estudo centra-se numa pequena amostra para examinar fenómenos que ocorrem na vida real, sem estar passível de ser extrapolado para o resto da população, ou seja, sem que a amostra seja representativa da população.

Através do foco em elementos sociodemográficos, foi construída a seguinte tabela de caracterização da amostra, utilizando nomes fictícios para proteger a identidade dos participantes.

A amostra compreende idades entre os 28 e 24 anos, tendo as participantes 28 anos, 29 anos e 34 anos e o único participante masculino também 34 anos. O tempo de permanência em Portugal varia entre 1 a 6 anos, sendo que os participantes com mais idade são os que estão também há mais tempo em Portugal.

Relativamente as habilitações literárias de cada um, todos possuem graus considerados em Portugal como licenciaturas, porém no Chile, não utilizando a definição de mestrado, segundo os participantes, seria um grau igualitário, sendo as áreas bastantes diversas,

nomeadamente de Administração Gastronómica (Madalena), Enfermeira de Maternidade (Inês), Engenharia de Automação e Controlo Industrial (João) e Tradução, bem como, o grau de mestrado em Portugal no curso de Linguística (Catarina).

**Tabela 1. Caracterização sociodemográfica da amostra**

<b>Participantes</b>	<b>Catarina</b>	<b>Madalena</b>	<b>Inês</b>	<b>João</b>
<b>Idade</b>	34	29	28	34
<b>Tempo de estadia em Portugal</b>	Cinco anos	Três anos	1 ano	Seis anos
<b>Habilitações Literárias</b>	Licenciatura (5 anos) em Tradução- inglês/ português Mestrado em Linguística	Licenciatura (5 anos) em Administração Gastronómica	Licenciatura (5 anos) em Enfermeira de Maternidade	Licenciatura (5 anos) em Engenharia de Automação e Controlo Industrial
<b>Área de atividade</b>	Freelancer- Agência de interpretação chilena Trabalhador por conta de outrem- Trabalho de intérprete	Trabalhador por conta de outrem- Padeira	Trabalhador por conta de outrem- cal-center	Trabalhador por conta própria – dono de uma lavandaria e de um alojamento local

Dos quatro participantes, apenas o participante masculino é trabalhador por conta própria, apenas uma participante não trabalha na sua área de estudo, estando inserida num call-center e as restantes duas participantes encontram-se também a trabalhar por conta de outrem, mas nas suas áreas de estudo.

## IV. Descobertas

Análise das experiências migratórias: uso das teorias de mobilidades, fuga e tendências

Quando inicialmente questionamos os participantes sobre a sua experiência migratória e de que forma chegaram ao mercado de trabalho português, os participantes dão-nos a possibilidade de os categorizarmos em diferentes secções. Acreditando que as três teorias (teoria das mobilidades, teoria da fuga, teorias das tendências) poderão, juntas, caracterizar melhor e mais pormenorizadamente a experiência migratória dos indivíduos, utilizá-las-ei como ponto de partida.

Quando à inicialmente pedimos aos participantes que mergulhem no seu passado, facilmente compreendemos, no caso de, Madalena e Catarina, ambas as migrações foram tomadas de forma voluntária, à exceção do caso da Inês e do João, como veremos adiante. Percebemos também que conseguimos um quadro com biografias de fuga do país por parte da participante Madalena, por razões que haverão ser mencionadas, mas também de fuga para um país com oportunidades e janela abertas que poderiam não existir no país de origem, por parte dos participantes Inês e João. Relativamente às tendências, o caso da chegada do participante João ao mercado de trabalho português, não é passível de ser analisado, segundo razões explicadas ao longo do trabalho, contudo, as restantes três participantes, nomeadamente, Catarina, Madalena e Inês, constituem modelos de análise interessantes. Por um lado, Catarina e Madalena enquanto respeitantes do modelo

**Tabela 2. Caracterização da experiência migratória no momento da vinda para Portugal da amostra**

<b>Participante</b> <b>Teoria</b>	<b>CATARINA</b>	<b>MADALENA</b>	<b>INÊS</b>	<b>JOÃO</b>
<b>MOBILIDADES</b>	Mobilidade voluntária	Mobilidade Voluntária	Incongruente com a teoria	Incongruente com a teoria
<b>FUGA</b>	Incongruente com a teoria	Escape from (fuga de)	Escape to (fuga para)	Escape to (fuga para)
<b>TENDÊNCIAS</b>	Tendência Individualista	Tendência individualista	Tendência Cultural Coletiva	Incongruente com a teoria

Participante: Catarina

Catarina, completado o curso de cinco anos em Tradução no Chile afirma que escolheu vir para Portugal porque

“faz sentido, o curso que eu tirei em Santiago, é tradução inglês- Português. Comecei a estudar português em Santiago, em 2006, com uma professora portuguesa e ela disse que o estudo de camões tinha um projeto de bolsas para virem para Portugal estudar. Ela disse-me que eu tinha o perfil, candidatei-me, ganhei a bolsa e vim para Portugal a primeira vez para estudar” (Catarina, 34 anos, licenciada em Tradução e mestre em Linguística, Porto).

Mas sempre voltou para o Chile, realizando trabalhos de investigação vinculados sempre à docência e à língua portuguesa. Desde então, as vezes que voltou, veio sempre com o intuito de visitar amigos que fez durante o curso. Em 2017 decidiu voltar a Portugal para realizar um curso de mestrado em Linguística na Universidade do Porto. O capital humano e capital cultural acumulado (Tan, et al., 2022) durante a sua formação no Chile e em Portugal foi o que permitiu a sua mobilidade ser voluntária, uma vez que possuía a vontade de migrar para Portugal, pela identificação com a cultura e com a língua, mas também pela possibilidade dos seus capitais serem transferíveis e convertidos em capitais económicos, uma vez que, assim que terminou o mestrado, começou a trabalhar na área de estudos. Desta forma, a fuga para Portugal, apresenta-se como um plano intencional, a participante afirma que “Foi uma viagem bem preparada, comecei a preparar a viagem durante 2 anos em termos económicos porque sabia que queria voltar” (Catarina, 34 anos, licenciada em Tradução e mestre em Linguística, Porto), esta preparação demonstra a vontade de migrar para Portugal para responder a oportunidades que correspondam a expectativas económicas. Catarina, torna-se assim o pão com manteiga de Ewa Morawska (apud Kaźmierska, Piotrowski, & Waniek, 2011) ao decidir migrar, não por viver um cenário no qual não tem a possibilidade de ter um trabalho e corresponder aos requisitos mínimos de sobrevivência, mas sim, para fazer a sua vida corresponder às suas expectativas laborais importantes para a acumulação de capital económico que lhe garantirá qualidade de vida.

A experiência migratória da participante passa a ser incongruente com a teoria de fuga, uma vez que a causa da sua mobilidade tem fundamentos económicos e a teoria de fuga foca-se em motivos não relacionados com económicos para migrar (Kaźmierska, Piotrowski, & Waniek, 2011).

Analisando a sua experiência através da teoria das tendências, conseguimos perceber que a sua vinda para Portugal se iniciou com o intuito de alargar a sua educação, nomeadamente com a inscrição e conclusão do seu mestrado em Portugal, como escolha consciente e calculada dos benefícios que lhe traria vir para Portugal pela possibilidade de convertibilidade do seu capital humano já incorporado no curso do Chile em capital económico em Portugal. A sua experiência migratória respeita o modelo de tendência individualista, não só pelas aspirações que a levam à migração, mas também pelo processo consciente no qual a sua experiência assenta (Kazmierska , Piotrowski , & Waniek, 2011)

Participante: Madalena

A Madalena é também um caso de mobilidade voluntária (Tan, et al., 2022). Após se ter formação em Administração Gastronómica no Chile, decidiu viajar para o México para visitar o pai e para ter uma oportunidade de trabalho após ter tirado o curso e se encontrar num momento em que não era possuidora de muita experiência e em que queria perceber o que realmente gostava de fazer dentro das possibilidades do seu curso (comida quente, pastelaria, padaria, são alguns exemplos). Antes de chegar ao México, decidiu enviar currículos, sendo aceite num resort no departamento de padaria, onde encontrou a sua vocação. Segundo a mesma,

“Eu, no México, dei conta do que eu gostava de fazer. Então, na realidade foi algo muito bom. No Chile, eu estudei cozinha. E na faculdade não te ensinam muito sobre a área de padaria. E o problema é que eu não gostava muito de pastelaria nem de cozinha quente, então pensava: E agora o que faço? Fui trabalhar no resort, tinha só uma área de padaria [fui para lá] e comecei a gostar muito e pensei: Eu quero trabalhar nisso!”

(Madalena, 29 anos, licenciada em Administração Gastronómica, Arroios),

Contudo, dentro do mercado do trabalho no México, o seu capital humano era pouco valorizado, podendo ser convertido em capital económico, mas, segundo a participante a remuneração era baixa. Dessa forma, decidiu voltar para o Chile. Contudo, afirma ter passado por um momento de descontentamento com a sua vida no geral e precisava de fugir de todas as áreas da sua vida que a oprimiam, decidindo migrar para Espanha. A sua escolha requereu sob um ponto considerado o mais relevante: a semelhança linguística. Contudo, antes de sair do seu país de origem, queria ter a certeza que seria aceite, então, como forma de estudar as oportunidades que o mercado de trabalho para onde se iria inserir lhe podia proporcionar, decidiu começar a enviar currículos. Com o passar do

tempo, apercebeu-se de a possibilidade dos seus capitais serem transferidos para o novo mercado de trabalho (Tan, et al., 2022), uma vez que todas as padarias lhe haviam dado o aval para prosseguirem com a sua contratação, mas o seu visto foi negado, começando a sua busca pelo país mais perto de Espanha, encontrando Portugal. Sabendo que a sua experiência laboral lhe tinha trazido acumulação de capitais humanos e de skills (Csedö, 2008 apud Fosslund, 2013), como muita rapidez no trabalho, muito conhecimento e muita capacidade de concentração, mas sem a noção de que seriam valorizados em Portugal, decidiu juntar dinheiro para conseguir sobreviver em Portugal três meses sem trabalhar, até o conseguir.

A Madalena torna-se assim um exemplo de fuga de certos momentos que a pareciam estar a sufocá-la e a torná-la bastante insatisfeita em vários sectores da sua vida, respeitando o modelo de tendência individualista (Każmierska , Piotrowski , & Waniek (2011) quando decide migrar para o mercado de trabalho português, cujas informações eram pouquíssimas, contudo, migrou com a intenção de se desenvolver profissionalmente, conseguindo obter o cargo de responsável pela padaria onde trabalha atualmente.

Participante: Inês

A análise da experiência migratória da Inês não se coaduna com a teoria da mobilidade, apesar de poder ser analisada segundo a teoria de fuga e das tendências. Segundo Tan et al. (2022), a sua teoria tem uma falha que diz respeito à falta de fragmentação do conceito de mobilidade e essa falha revê-se neste caso. Não poderei considerar a experiência da Inês como uma mobilidade voluntária, porque segundo a denominação dos autores dessa categoria, este tipo de mobilidade dá-se quando se juntam dois fatores: a aspiração de migrar e a capacidade de migrar. A migração foi um ato consciente, mas não voluntário, respeitando a teoria de fuga (Każmierska , Piotrowski , & Waniek, 2011), a vinda de Inês foi resultado de uma fuga para Portugal de forma a libertar-se de condições de alta insegurança vivida na sua cidade de origem cujos dias foram caracterizados, pela participante, como sendo palco de vários momentos de terror, como assaltos à mão armada, possibilidade de homicídio, roubos constantes culminando num sentimento permanente de medo. Contudo, o mercado de trabalho português, para o qual migrou, não lhe confere a possibilidade de transferir os capitais acumulados. Caso o cenário não fosse o apresentado pela participante, esta teria permanecido no Chile, sendo a sua trajetória (Fosslund, 2013) caracterizada como uma imobilidade voluntária uma vez que tem a capacidade de converter o seu capital humano em capital económico no mercado do seu

país de origem, enquanto no mercado de trabalho português, as suas qualificações formais perdem o seu valor devido à diferença educativa existente entre os dois países, nomeadamente, o Processo de Bolonha que confere diferentes graus ao longo do percurso de ensino superior. Desta forma, a sua trajetória não pode ser entendida como uma mobilidade voluntária porque a vontade de migrar não é conivente com a capacidade de migrar, definida pelos autores, como a possibilidade de transferir e converter os seus capitais além-fronteiras (Tan, et al., 2022). Inês, apesar de ter completado o curso de cinco anos de enfermeira de maternidade, como o Chile não faz parte deste modelo criado pelo Processo de Bolonha, o curso corresponde ao grau de licenciatura, tornando impossível a sua inserção no mercado de trabalho português.

Contudo, Inês veio para Portugal porque conhecia uma amiga sua que tinha migrado para Portugal e o seu percurso foi caracterizado, como positivo. Foi através desta ligação, que Inês obteve os dois primeiros trabalhos em Portugal, tendo a possibilidade de converter o seu capital social em capital económico. A Inês respeita assim, o modelo de tendência cultural coletiva (Kazmierska, Piotrowski, & Waniek, 2011), uma vez que a sua amiga lhe transmitiu todas as informações que tinha de Portugal, fazendo com que a mesma considerasse múltiplos fatores económicos. Muitas vezes o desejo de migrar relaciona-se com o desejo de querer melhorar certas condições de vida priorizadas pelos indivíduos, independentemente do trabalho que irá realizar, tal como a experiência de Inês: desejava de fugir para Portugal para se distanciar das suas condições de vida que lhe eram sufocantes.

Participante: João

O caso do João será analisado, segundo a teoria das tendências na ida para a Irlanda, e segundo a teoria de fuga na vinda para Portugal. João, formado em Engenharia de Automação e Controlo Industrial, tendo completado uma licenciatura de cinco anos, tal como a Inês. Contudo, é necessário analisarmos o percurso do João, para entendermos de que forma foi tomada a decisão de migrar para o mercado de trabalho português. Contudo, a teoria de mobilidade não é congruente com o seu percurso, pelas mesmas razões apresentadas no caso de Inês. As teorias da tendência e de fuga podem ajudar-nos a analisar a sua experiência migratória até à chegada ao mercado de trabalho português, incluindo-a.

Logo após terminar a o curso no Chile, candidatou-se a uma empresa no seu país de origem cujo desejo seria o de formar pessoas com pouca experiência, tornando-o num

excelente candidato. Apesar de gostar muito do trabalho que desempenhava porque, segundo o participante, trabalhava com máquinas muito grandes, com grandes caminhões, como sonhava em criança, apercebeu-se que havia uma capacidade a melhorar em si: a sua habilidade para falar inglês. Por esta razão, decidiu sair do Chile em direção à Irlanda, respeitando a teoria da tendência individualista defendida por Kaźmierska , Piotrowski , & Waniek (2011). João, enquanto individuo que decide migrar para alargar as suas competências, “Going abroad is associated with biographical strategy of accumulating social capital.” (2011, p. 144), decide arranjar um trabalho na Irlanda em restauração que o permite conversar com os clientes e poder aperfeiçoar as suas competências, nomeadamente a sua capacidade de falar inglês. O trabalho transnacional foi apresentado pelo participante como algo entrelaçado às suas intenções de aperfeiçoar as suas competências. Foi durante a sua estadia na Irlanda que conheceu a sua atual mulher e, apesar de ter regressado ao Chile com o intuito de continuar a progredir na sua carreira profissional, decidiram, enquanto casal, vir para Portugal. A decisão de sair do Chile, foi encorajada pelos mesmos motivos apresentados por Inês, segundo João, decidiram fugir do Chile por Santiago ser “uma cidade muito movimentada e, para ela [namorada na altura, mulher atualmente], eram muitas pessoas, muito stress, muito barulho, muita insegurança e eu percebia que era melhor estar numa cidade mais tranquila” (João, 34 anos, Engenheiro de Automação e Controlo Industrial, Porto), acabando por sair do Chile por fatores que nada se relacionavam com económicos, mas, sim, com fatores relacionados a inseguranças e angústias no próprio país de origem.

O vir para Portugal, culmina na construção de novas redes pessoais, nomeadamente o da família da parceira, mas esse não foi o intuito pelo qual decidiu migrar e, consequentemente, inserir-se no mercado de trabalho português, por essa razão, a teoria das tendências, torna-se ineficaz quando analisamos a vinda de João para Portugal. Também a teoria de mobilidade é ineficaz, pelo motivo apresentado no caso de Inês, pela fraca fragmentação e capacidade analítica do conceito de mobilidade voluntária, uma vez que João tem um curso de cinco anos em Engenharia de Automação e Controlo Industrial, contudo, o seu grau educativo, devido ao Processo de Bolonha, não corresponde ao mesmo em Portugal, tal como o da Inês. A teoria de mobilidade torna-se, pelos mesmos motivos, incapaz de analisar este caso, uma vez que o desejo e a capacidade não são correspondentes, porque João tem o desejo de migrar, mas não tem a capacidade de transferir os seus capitais para o novo campo social (mercado de trabalho português) para

o qual se irá inserir, porque para desempenhar um emprego que corresponda às suas qualificações, necessita de ter o grau de mestre e o seu curso, é apenas convertido em licenciatura em Portugal.

O desperdício de cérebros: Capital Humano não aproveitado

O conceito de geografia temporal (Fossland, 2013) que interliga os indivíduos móveis e contextos sociais à localização onde estes se encontram e ao período em que estão inseridos, ajuda a compreender o caso dos participantes Inês e João.

Ambos com cursos de cinco anos concluídos no Chile, portanto, portadores de qualificações elevadas. Contudo, após a entrada em Portugal, o seu capital humano por não ser transferível, tornam os migrantes com um grau de qualificação inferior quando comparados ao grau de qualificação que lhes era atribuído no campo social do seu país de origem. Quando questionado sobre as habilitações literárias que possui, João diz que concluiu o curso de Engenharia de Automação e Controlo Industrial, contudo, afirma prontamente que os graus do sistema de ensino português não correspondem aos graus do sistema de ensino no Chile, afirmando que

“Aqui vocês têm o sistema de Bolonha, então, têm a licenciatura normalmente de três anos. Depois, têm um mestrado que são mais dois anos ou três, depende do curso.

Então, por exemplo, o que vocês chamam de mestrado, no Chile chamamos de Engenheiro, ou seja, eu teria uma equivalência em mestrado, mas a minha equivalência legal é só licenciatura. Para Portugal é só uma licenciatura, mas o sistema é o mesmo, dois ou três anos com algum mais geral e depois entramos na parte mais específica da área, só que são nomes diferentes. Isso é um dos problemas que muitos dos chilenos temos que é não nos quererem validar o título e ficamos num nível inferior ao que realmente é” (João, 34 anos, Engenheiro de Automação e Controlo Industrial, Porto).

Por sua vez, a Inês concluiu o curso de Enfermeira de Maternidade, encontra-se, atualmente a realizar trabalho de call-center. Quando chegou a Portugal, o segundo trabalho que conseguiu enquadrava-se na sua área, conseguiu ser chamada para um lar, caracterizando o momento como sendo

“bem cansativo, tinha que dar banho, mudar a fralda, deitar à noite, dar almoço e pequeno-almoço e o salário era o mínimo, não tinha contrato, não tinha recibo verde.”

(Inês, 28 anos, licenciada em Enfermeira de Maternidade, Benfica)

Não conseguindo trabalhar na sua área sem ser em condições precárias, como a descrita, porque o seu estatuto, tal como o do João, sofreu uma alteração aquando da entrada no mercado de trabalho português. Esta alteração de estatuto acontece devido às especificidades do campo social do Chile e de Portugal e da valorização que estes fazem dos diferentes capitais sociais. Desta forma, conseguimos perceber que o que era valorizado enquanto qualificação valiosa no campo social do mercado de trabalho no Chile, não o é no campo social do mercado de trabalho em Portugal. Apesar da distinção entre ‘highly qualified’ e ‘highly skilled’ (Fossland, 2013), nenhuma das qualificações destes dois participantes os permite ter um trabalho (em condições legais) que lhe forneça a possibilidade de demonstrar as suas skills, por serem empregos atingíveis após a conclusão do mestrado. Contrariamente ao caso da Madalena e da Catarina, que apesar de terem estudado também no Chile um curso de cinco anos, equivalente em Portugal apenas como uma licenciatura, nas entrevistas de trabalho, era permitido a ambas mostrar de forma prática os seus conhecimentos e capacidades, além de que no caso da Catarina, um dos trabalhos que tinha no Chile, foi mantido após a entrada no mercado de trabalho português. Por outro lado, João e Inês, exemplos perfeitos de desperdícios de cérebro que, apesar de serem altamente qualificados tal como Inês e Catarina, apenas encontram trabalhos poucos qualificados totalmente discrepantes da sua formação, estando nessa situação pela intransferibilidade dos capitais que adquiridos no seu país de origem.

#### Adaptação dos participantes

A incorporação do *habitus* da comunidade do país de acolhimento

O acolhimento é uma das práticas defendida por Griffin e Glover (2020), mais relevante no que diz respeito à incorporação de um novo *habitus*. Segundo os autores, o acolhimento é causador de alterações na identidade pessoal, porque ao criar a possibilidade dos indivíduos acabados de chegar criarem ligações com outros indivíduos da comunidade do país de acolhimento, estes acabam por transmitir as regras do novo campo social. Os participantes Catarina e o João, foram os únicos que viveram a experiência de acolhimento com outras pessoas que já conheciam. Catarina, por ter estudado em Portugal, teve a capacidade de fazer amigos ao longo do tempo, até se ter instalado e permanecido na casa de uma amiga que já conhecia do seu tempo de estudos em Portugal. O participante João foi o único que veio para Portugal com uma ligação amorosa, que mais tarde se tornou familiar, juntamente com a família da sua mulher portuguesa, trazendo-lhe acesso a certos recursos, como veremos adiante.

O caso das participantes Inês e Madalena, difere dos anteriores, porque ambas, após a chegada a Portugal, se instalaram em quartos de casas partilhadas com outros migrantes. Apesar de Inês ter tido pouco contacto com as nove pessoas com quem partilhava uma casa, o caso de Madalena difere bastante. Madalena afirma que quem a ajudou a encontrar casa quando chegou

“foi uma amiga de Espanha porque ela tinha um amigo em Portugal que alugava muitos quartos e eu coloquei-me em contacto com ele. Ele disse que tinha um quarto em Arroios, (...) no mesmo dia vim à entrevista na padaria, depois, fui ver o quarto e dei conta que ficava muito perto. E falei “eu quero esse quarto”, mas para mim foi muito complicado porque era um quarto sem janela e no Chile eu morava no campo. Então, passar a morar num prédio, num apartamento, sem janela, para mim foi, muito diferente... [mas] eu preciso de morar perto da padaria. Aqui a locomoção coletiva é muito ruim!” (Madalena, 29 anos, licenciada em Administração Gastronómica, Arroios)

A experiência migratória de Madalena trouxe-lhe, claramente, a criação de laços que lhe possibilitou beneficiar de recursos, ou seja, foi através dos laços criados com a sua amiga espanhola (capital social) que conseguiu ter acesso mais rapidamente a certos bens, nomeadamente um bem tão precioso como um teto onde dormir. Contudo, a sua amiga não vivia em Portugal e a participante encontrava-se num momento em que não conhecia ninguém e tinha poucas habilidades linguísticas para se fazer entender e para compreender os demais, como veremos ao longo do trabalho.

Após esse primeiro apartamento, Madalena mudou-se mais seis vezes, mas todas na mesma zona para poder ficar perto do local onde trabalha. Foi na primeira e segunda casa fez as ligações mais duradouros, tendo feito amizades com uma rapariga alemã, por se encontrarem em situações parecidas na qual nenhuma sabia falar português e dois rapazes brasileiros. Pouco tempo depois, no segundo alojamento e numa casa com oito quartos fez amizade com mais dois rapazes brasileiros. Estas experiências de alojamento numa nova comunidade ainda desconhecida, tornou possível a renovação das relações e a possível troca de recursos. Segundo Griffin e Glover (2020), as relações renovadas no país de acolhimento resultam na alteração da identidade pessoal, uma vez que com o passar do tempo o número de interações aumenta, fazendo com que a Madalena ganhe uma familiaridade com a cultura, através da interiorização das regras do novo campo social e do novo *habitus*. Contudo, tendo em conta que as relações renovadas são feitas maioritariamente com migrantes, a transferência de capital cultural do país de

acolhimento para a Madalena, torna-se mais dificultada porque para que as regras do campo social sejam transferidas para si, é necessário interagir com quem as tenha interiorizadas, caso contrário, ser-lhe-á mais difícil o processo desta interiorização e o desenvolvimento da capacidade para interpretar certas vivências no novo campo social.

Dois cenários apresentados como facilitadores de união entre os indivíduos

Cenários lançados pelos autores como criadores de boas oportunidades para a transmissão cultural e para o desenvolvimento da capacidade de interpretar vivências no campo social devido à possibilidade de haver inúmeras interações, são eles: a prática de atividades de lazer (Griffin & Glover, 2020) e a participação no mercado de trabalho (Anna Przybyszewska, 2022). Analisaremos a experiência laboral e vida social dos participantes, para compreendermos de que forma estes dois cenários se tornam relevantes no processo de transmissão cultural.

Ambos os trabalhos que Catarina possui, lhe conferem a possibilidade de estar em regime teletrabalho, apesar de atualmente, um deles lhe propor a ida ao escritório, pelo menos, duas ou três vezes por semana em Lisboa, de lembrar que Catarina é do Porto. Contudo, a sua situação laboral leva-a a estar em casa, tendo muito pouco contacto com os seus chefes e com os seus colegas.

A própria quando questionada sobre que relações criou ou mantém dentro do espaço organizacional, afirma que

“Do meu trabalho em nem sei quem são os meus chefes. Eu presto contas a uma empresa americana e é remoto, (...) não te apoiam em nada! Não sabem se estás bem de saúde, em que condições vives, não sabem nada! Com os meus colegas eu tento estabelecer outra relação, mas é pela minha forma de ser. Eu sei que tenho um colega alemão que vive num hostel porque ainda não encontrou casa, mas só eu é que sei porque quero dar apoio. Faz mais parte da minha forma de ser, não é política da empresa.” (Catarina, 34 anos, licenciada em Tradução e mestre em Linguística, Porto).

Encontrando-se neste cenário, apesar de participar no mercado de trabalho, este não se torna muito propício para que Catarina possa interagir com outros indivíduos, perdendo oportunidades para incorporar as regras do novo campo social. Felizmente, no seu caso, o processo de transmissão cultural não é uma necessidade extrema, uma vez que estudou português com uma professora portuguesa no Chile, que não se limitava a transmitir-lhe a língua, mas sim, os costumes e as tradições e já tinha vindo a Portugal mais que uma vez até se ter instalado.

A participante Inês, quando veio para Portugal, não conhecia ninguém além da sua amiga do Chile que se encontrava instalada há dois anos. Quando questionada sobre quem são as pessoas com quem mais relacionou no momento de instalação, afirma que passou muito tempo com o seu namorado, esta amiga e os amigos que ela fez e com os amigos que fez através da prática de futebol amador, esclarecendo que

“O meu namorado [descobriu este grupo] por Facebook. Ele gosta de jogar futebol, era um grupo só de homens. Estávamos cá há duas semanas e, num domingo, ele foi jogar nesse team e alguém falou de um grupo misto. O grupo tem gente de todo o mundo, tem muitos latinos, o que é bom para nós porque percebemos o português, mas não é igual a falar a tua própria língua (...) fiz uma amizade com muitos deles, até agora.” (Inês, 28 anos, licenciada em Enfermeira de Maternidade, Benfica)

O grupo de futebol sendo um dos cenários apontados como bons criadores de oportunidades para a transmissão cultural (Griffin & Glover, 2020), é constituído por bastantes nacionalidades, nomeadamente, brasileira, colombiana, venezuelana, chilena, argentina, italiana, suíça, angolana, são algumas, contudo, sem portugueses. Mais uma vez, a possibilidade de renovar as relações é real, mas a possibilidade de transmissão cultural do país onde se encontra e de aprendizagem cultural é baixa, por se circundarem maioritariamente de migrantes, muitos também ainda no processo de incorporação das regras do campo social.

Madalena, por outro lado, revela que o seu trabalho, por lhe permitir várias interações com os colegas e com alguns clientes habituais, lhe dá a oportunidade de interagir bastante com nacionais da comunidade de acolhimento e, se por um lado, nos seus tempos livres, os seus relacionamentos são quase exclusivamente com migrantes, o local de trabalho serve como oportunidade de incorporar as normas e as regras do novo campo social, passando por vivências onde poderá avaliar o seu comportamento e o dos outros, estabelecer limites e adaptar-se às normas, valores e padrões deste campo social inicialmente desconhecido.

Por outro lado, contrariamente a Madalena e Catarina que conseguiram os seus trabalhos de sonho. Inês e João encontram-se em situações muito diferentes. Por um lado, Natália pelas suas qualificações não serem válidas em Portugal, por se candidatar a um trabalho num lar, onde poderia aplicar os seus conhecimentos, mas não tinha nenhum contrato, encontrando-se numa situação totalmente precária. A participante envolvida neste cenário, resolve candidatar-se a um trabalho de nicho, num call-center de assistência

online para jogadores de casino do mercado espanhol, muito aquém das suas qualificações e muito segregador nas suas relações, tornando a integração e incorporação dos códigos culturais da comunidade de acolhimento mais desafiantes. Por outro lado, João, encontrando-se na mesma situação inicial que Inês, após ter trabalhado num café, decidiu procurar outro emprego que estivesse mais ligado à sua área, acabando por passar por uma das piores situações da sua vida, segundo o mesmo

“Portugal está muito atrasado no que é a capacitação dos trabalhadores. Cheguei à empresa, fui à entrevista, gostaram de mim, ligaram-me para eu ir trabalhar. Quando chego [pronto para trabalhar], ninguém me faz uma introdução ao que é a empresa, ao que vai ser o meu trabalho específico. Cheguei para trabalhar e disseram-me “tu tens de ligar para Espanha e oferecer os meus produtos e eu [respondi] “olha, é o meu primeiro dia, como [assim] oferecer [os] teus produtos? Eu não tenho uma noção do que são os produtos’, levei três semanas a fazer isso e foi um bocado humilhante, estava eu sozinho numa sala a ligar para pessoas que nem queriam saber do produto” (João, 34 anos, Engenheiro de Automação e Controlo Industrial, Porto)

Ou seja, mesmo o trabalho que esperava ser mais relacionado com a sua área, não só não o era, como foi uma experiência no qual se sentiu totalmente desamparado e deslocado. O local de trabalho quando lugar de destaque para interações que permitam o reconhecimento das normas, valores e padrões da comunidade de acolhimento (Griffin & Glover, 2020), isolou o participante dos restantes colegas, pelas tarefas que lhe foram atribuídas.

Perante os relatos, percebemos que todos os participantes, à exceção de Madalena, se encontram ou encontraram (no caso do participante João) em trabalhos e atividades de lazer que pouco facilitaram a incorporação das normas e dos valores do novo campo social.

A importância do saber a língua: o sentir-se parte e a arte de se fazer entender  
Notando que grande parte do nosso dia é passado a trabalhar, quando migrantes se candidatam a trabalhos que impossibilitam a transmissão cultural e a transmissão de recursos linguísticos, como é o caso da Catarina, Inês e João, estes participantes terão de organizar outros eventos interculturais, de forma a incorporarem o código de discurso, tão importante para a existência de uma comunicação clara.

Segundo, Madalena, a sua vinda para Portugal tinha apenas um motivo: o facto de ser um país perto de Espanha, o seu verdadeiro país de destino no seu plano de vida, mas sem

sucesso, decidindo vir para Portugal por acreditar haver semelhanças na língua falada. Qualificando-se como pouco habilidosa para aprender línguas, decidiu contratar uma professora particular que a ensinava em espanhol o português, via Facebook. Entretanto, acredita que o trabalho a ajudou muito no processo de aprendizagem da língua, tal como Inês que ao trabalhar num lar, ouvia várias pessoas a falar este idioma durante o dia todo, o que facilitou imenso a sua aprendizagem. Contudo ao contar o seu processo de aprendizagem da língua, afirma que ao conhecer muitos migrantes brasileiros, começou a praticar, porém,

“Claramente é a mesma língua, mas maneiras de falar diferentes. Eu gosto de como eles falam, mas foi prejudicial porque aprendi a falar um português que não era como o de vocês... Mas não tenho como eu falar a língua se eu não conheço as pessoas daqui. Eu me desenvolvo com você, com minha companheira de trabalho e minha chefe, eu não tenho mais contacto com gente portuguesa.” (Madalena, 29 anos, licenciada em Administração Gastronómica, Arroios)

Entendendo que, apesar de falar português, não fala o de Portugal. Di-lo com tristeza, mas ao mesmo tempo afirma que nunca foi qualquer impedimento no momento de comunicação com não-migrantes porque consegue entender perfeitamente quem fala consigo e faz-se entender muito bem também, mostrando que caso o cenário não fosse este, esforçar-se-ia mais para aprender ainda melhor a língua, uma vez que acredita que o saber desta é fundamental para se sentir

“incluída, não sei se se fala assim, mas eu me sinto parte. Eu conheço muito chileno, não, não conheço muitos, mas conheço chilenos que levam aqui um ano e não falam nada e eles são quem procuram outras pessoas para falarem em espanhol, em vez de tentar aprender a língua... é importante para se achar um trabalho. Se você não fala inglês, não fala português e só fala espanhol, onde vai achar um trabalho aqui?” (Madalena, 29 anos, licenciada em Administração Gastronómica, Arroios).

“Eu acho que é principalmente porque agora eu me sinto parte da comunidade. No começo era sempre [uma] turista, como que não era a minha cidade. Eu estava a viver aqui, mas não era minha, não fazia parte daqui porque não percebia.” (Inês, 28 anos, licenciada em Enfermeira de Maternidade, Benfica)

A aprendizagem de uma nova língua, permitiu a formação de uma nova identidade das participantes, tornando-as mais familiares e integradas na cultura do país de acolhimento.

A capacidade de falar a língua é tão importante que é, pela participante Madalena, equiparada às chances de obter um trabalho.

Catarina, quando compara a sua

“situação migratória com uma pessoa que está cá há mais anos que eu e não fala a língua, posso dizer tenho amigos portugueses e é muito difícil fazer amigos portugueses... consigo fazer tudo o que vocês fazem: uma chamada telefónica, reservar um hotel, portabilidade do número de telefone, tudo. Fazemos de forma tão natural que nem percebemos que estamos a usar a língua e são contextos importantes. Quem não fala a língua, não usufrui dos mesmos benefícios de quem consegue, não só entender, mas também falar para exprimir as próprias ideias.” (Catarina, 34 anos, licenciada em Tradução e mestre em Linguística, Porto).

Realçando os benefícios e a profunda importância que o saber da língua tem no seu dia a dia, desde resolver situações mais complexas a fazer-se entender nas mais simples ocasiões. A possibilidade dos participantes se fazerem entender é, sem dúvida uma capacidade valiosa no processo de inserção no mercado de trabalho pelos recursos culturais e sociais adquiridos ao longo do processo de aprendizagem que tornaram a transferibilidade das suas competências profissionais para o mercado de trabalho mais facilitadas (Przybyszewska, 2022).

João realça a importância das interações diárias com os membros da sociedade de acolhimento, enquanto ferramenta essencial para a incorporação de recursos linguísticos e do código de discurso, o participante afirma que

“falar a língua do país onde estás a morar é sempre importante porque te permite expressar o que se passa contigo, o que estás a sentir, procurar à medida que vais falando, mais empregos e aparecem-te melhores oportunidades” (João, 34 anos, Engenheiro de Automação e Controlo Industrial, Porto)

Segundo o participante, o domínio da língua é importante em dois domínios: um primeiro pela possibilidade que este tem em se expressar e, portanto, pela capacidade que este tem de expor os seus pensamentos, conseguindo ter uma comunicação clara com menos mal-entendidos. Um segundo domínio diz respeito à correlação positiva que o participante faz entre o bom domínio da língua e um trabalho mais bem remunerado, através da capacidade de expor e jogar com os seus capitais acumulados consoante as regras do campo social.

Os recursos linguísticos criadores de novas participações e posicionamentos sociais Schwieter e Ferreira (2020) durante a defesa da teoria de que a aprendizagem de uma nova língua traz alterações a identidade do aprendente através da incorporação de um novo *habitus* e de novos códigos que os indivíduos absorvem que conduzem as suas ações nessa nova língua e cultura, os autores avançam com a teoria do posicionamento social. João e Catarina, são um claro exemplo, de que conforme o processo de aprendizagem da língua, o seu posicionamento e participação social também se altera.

O posicionamento social não é algo estável (Schwieter e Ferreira, 2020) e as experiências laborais pelas quais João passou em Portugal, foram casos claros que confirmam a teoria apresentada. O participante possuidor de capitais intransferíveis para o mercado de trabalho português, trabalhou inicialmente num café, seguido como vendedor telefónico, acreditando ser uma oportunidade mais relacionada com a sua área, acabando dececionado, estas experiências possibilitaram ao participante reavaliar as suas ações e expectativas laborais. Após contrabalançar a posição que ocupava no momento no mercado de trabalho português e confrontá-la com a posição que ocupava no mercado de trabalho no Chile, decidiu que não queria continuar a permanecer no país de destino onde ainda não era fluente na língua e ainda não tinha incorporado as normas e valores do país, colocando-o numa posição social muito mais frágil do que a que teria se voltasse para Chile, onde estava apto a ter um trabalho dentro da sua área.

Além do posicionamento social se alterar, a participação social também se altera, segundo João e Catarina afirmam que

“[trabalhar noutro país que não o de origem] ajudou-me muito a entender um pouco sobre como se movimenta outro país [e a] perceber que todas as pessoas são muito similares [na forma] como nos tratamos entre nós. [Conseguir perceber] a personalidade das pessoas e entendê-las, mesmo sem conseguirmos falar, perceber que a pessoa está chateada e também abrir-me a outras culturas e a outras pessoas com mais facilidade. Perceber também que o meu país tem coisas boas, era muito crítico do meu país, mas quando cheguei e morei em Portugal, acho que as pessoas vivem situações similares, temos problemas similares em todos os países.” (João, 34 anos, Engenheiro de Automação e Controlo Industrial, Porto)

“Ter experiência noutros países ajuda a perceber o sistema e a comparar cada um deles.

Eu agora que faço parte do mundo de trabalho de Portugal, posso dizer que se eu estivesse a fazer o mesmo trabalho que faço aqui, nos EUA ou no Chile teria condições

muito superiores. Consigo comparar a realidade do mundo laboral. Trabalhar noutros países permite comparar e ver vantagens de um sistema sobre o outro.” (Catarina, 34 anos, licenciada em Tradução e mestre em Linguística, Porto).

Ambos os participantes entrevistados, afirmam que o terem trabalhado noutro país que não o seu de origem, lhes possibilitou refletir sobre a sua participação social, tendo a capacidade de olhar e agir para diferentes realidades de forma distinta da que fazia antes dessas vivências.

As plataformas online enquanto recurso de apoio e entre-ajuda  
Dos quatro participantes, Madalena é a que não possui redes sociais na Internet, conseguindo viver a sua vida social com a criação de ligações com várias pessoas com quem vai tendo contacto nas várias casas pelas qual foi passando ao longo do tempo, considerando-as como família e como presença essencial em momentos festivos como o seu aniversário, o Natal, a passagem de ano, etc... Por outro lado, Inês, Catarina e João, encontram-se em situações diferentes. Inês, aquando vinda para Portugal instalou-se numa casa partilhada, tal como Madalena, contudo, afirma que os outros membros da casa eram muito socialmente fechados, acabando por não conhecer ninguém, vivendo no quarto com o seu namorado. Atualmente, conseguiu arrendar um apartamento, onde vivem os dois. Catarina, inicialmente morando com a sua amiga que fez no tempo em que estudava em Portugal, acabou por mudar de casa durante a pandemia e encontra-se atualmente a morar sozinha. João, vive com a mulher e com a sua filha recém-nascida.

Considerando o defendido por Gaspar (2020) ao afirmar que a presença de familiares e de co-nacionais no país de acolhimento são variáveis que o autor considera serem relevantes por serem fatores de apoio e entreajuda no processo de instalação dos recém-chegados, aos participantes foi-lhes pedido que descrevessem a relação que mantêm com co-nacionais, aquando sua chegada e na continuação da sua jornada em Portugal.

“Estou num grupo só de mulheres chilenas no Whatsapp, damo-nos diferentes ajudas, de emprego não, mas, por exemplo, o meu namorado comprou bilhetes para o jogo de Portugal e República Checa, fomos para o Algarve e tínhamos de vender [os bilhetes].

Publiquei no grupo e em cinco minutos tive uma chilena que quis comprar. Não me lembro [de como entrei para o grupo], foi uma mulher chilena que eu conheci, (...) ela me enviou o convite. Não quero fechar o meu circo, gosto de falar inglês e de falar português, para me fazer entender, porque quando estás com outros espanhóis, é fácil, mas não pratico” (Inês, 28 anos, licenciada em Enfermeira de Maternidade, Benfica)

“[Conheço] muito poucas na verdade. Chilena, chilena, apenas uma amiga que veio do Chile que é com quem eu mais partilho e falo em espanhol, mas muitos amigos espanhóis eu não tenho. Com a minha amiga que veio do Chile, ela não é minha amiga, ela é minha irmã, eu falo tudo para ela” (Madalena, 29 anos, licenciada em Administração Gastronómica, Arroios)

“[no momento de instalação] Nesse tempo eu estive sempre sozinho. Estive com a minha mulher, mas com as outras pessoas do Chile, não muito... [Tenho relações com] Com um par de chilenos que conheci aqui, conheci porque cheguei ao Porto, comecei a procurar chilenos e não encontrei ninguém. Então, criei no Facebook uma página de chilenos no porto e onde organizava reuniões de chilenos. Naquele tempo estava a dar seleção de futebol do Chile, o jogo da seleção tens que ver com outras pessoas do teu país e procurei por isso, por ter um laço com a minha terra, procurei com quem falar o espanhol do meu país. Há palavras e palavrões que só os portugueses dizem, é como nós, é a mesma coisa. E eu organizava irmos ver os jogos a um bar, ao início era eu sozinho a ver o jogo, não aparecia ninguém, mas depois [começou a] aparecer um par de pessoas que estavam de férias e que se iam embora.” (João, 34 anos, Engenheiro de Automação e Controlo Industrial, Porto)

“Posso dizer que tenho conexão com três, há cinco anos atrás, através do Facebook procurei “Chilenos no porto”, vi que [havia um grupo e] tinham escrito que ia haver um jogo entre o Chile e o Equador, [escreveram] ‘Apareçam no bar X’, eu apareci e estavam lá meia dúzia de gatos pingados.” (Catarina, 34 anos, licenciada em Tradução e mestre em Linguística, Porto).

Quando questionados sobre a sua relação com co-nacionais os participantes relatam que no momento de instalação, não tiveram contacto com outras pessoas do Chile, sem ser Inês com a sua amiga. Os participantes afirmam que não criam essa variável como guia de restrição a novas relações criada para não se segregarem e praticarem a língua, contudo, salientam que se essa fosse a sua intenção, as oportunidades criadas para as conhecer, no dia a dia, são escassas. João, o fundador do grupo “chilenos no Porto” afirma que quando surgem oportunidades para conhecerem outras pessoas chilenas, os seus planos de estadia em Portugal são fogazes, não permitindo a criação de laços com vários co-nacionais, apenas com os que vão ficando em Portugal.

Apesar de não terem nenhum familiar nem contactos em Portugal com co-nacionais aquando sua vinda (sem ser a Inês), é interessante relevar que os grupos em plataformas

da internet em que a maioria dos participantes escolhe estar inserido, tem por base a partilha da nacionalidade e de códigos culturais como os costumes e a língua fazendo com que sejam aceites (Griffin & Glover, 2020). E mesmo em momentos em que os participantes criam ligações com outros indivíduos, como é o caso de amigos da Catarina ou do grupo de futebol em que a Inês está inserida, estas ligações são sempre baseadas em sempre algo que os indivíduos partilham de semelhante: o não ser de Portugal.

Segundo os participantes, todas estas ligações com base em semelhanças culturais, sociais ou biográficas, ajudaram bastante em momentos de choques culturais em que faziam os indivíduos sentir-se sós e incompletos. Quando questionados sobre a importância destas ligações sociais, ao participantes afirmam que,

“em termos emocionais, foram importantes. Nós no Chile somos muito de acolher, de receber com comida e aquela coisa do “prova que vais gostar”, apesar da distância que nos separa, é um ponto que nos une e eu não sentia isso, eles apoiavam-me. Não foram importantes para me estabelecer, mas em termos de carinho que precisamos às vezes.”

(Catarina, 34 anos, licenciada em Tradução e mestre em Linguística, Porto).

Referindo-se a amigos brasileiros que fez durante os tempos de estudo em Portugal.

Inês, afirma que,

“O grupo [de futebol] tem gente de todo o mundo, tem muitos latinos, o que é bom para nós porque percebemos o português, mas não é igual a falar a tua própria língua. A verdade é que a vida social é importante. [Principalmente quando] ajuda quando alguém [que] precisa, sabes que não estás sozinha. Estás longe de casa e a vida social, às vezes precisa sair, com mais gente, não só eu e o meu namorado.” (Inês, 28 anos, licenciada em Enfermeira de Maternidade, Benfica)

Referindo-se não ao grupo de Whatsapp de mulheres chilenas, onde não demonstra ter um ligações diretas e contactos pessoais, mas sim, ao grupo de migrantes com quem joga futebol.

Ambas as participantes estão inseridas em mais do que um grupo dedicado à população chilena em Portugal, utilizando-os como meios para obter certas informações e ajudas de pessoas que estão geograficamente longe, o que revela que as tecnologias vieram dar suporte às interações sociais entre pessoas que não se conhecem (Tranos, 2020). As tecnologias passam a ser também, um espelho das variáveis que distinguem as formações dos grupos restritos, nestes casos, a nacionalidade era uma variável importante para os

participantes serem aceites nos grupos das plataformas online, bem como o género, no caso da Inês.

Apesar de terem contacto com alguns co-nacionais com quem partilham a semelhança da nacionalidade, quando este contacto é puramente online, a criação de ligações com base em laços pessoais, torna-se fraca. Por um lado, as plataformas online facilitam a interação entre indivíduos distante geograficamente entre si, quebrando o problema geográfico da transferência de conhecimentos. Desta forma, os indivíduos são capazes de se entre ajudar em situações do dia a dia e problemas práticos, mas são emocionalmente distantes, apesar da ligação existente não criam um laço pessoal. Por outro lado, quando a utilização das plataformas online tem o objetivo de fomentar interação *face-a-face* (Tranos, 2020), tal como a iniciativa do participante João, enquanto indivíduos que falam a mesma língua, que vêm do mesmo contexto e partilham preocupações por terem família do Chile, todas estas semelhanças os une, criando uma ligação com base em laços apoiados em semelhanças que tornam possível o apoio emocional entre os indivíduos.

Laços criados entre quem chega e quem os recebe: a troca de recursos  
Dos quatro participantes, dois foram os que ao virem para Portugal tinham indivíduos com quem partilhavam laços pessoais: Inês partilhava laços pessoais de amizade longa com a sua amiga estabelecida em Portugal e João laços familiares baseados no conceito *guanxi* (Kosyakova e Gërkhani, 2019).

João, ao vir para Portugal, casar-se e fazer parte da família da sua mulher estabelece uma ligação entre si e a família baseada em laços que tornam possível a transferência de recursos que passa a ser feita pela confiança que as partes sentem uma da outra, tratando João como parte do grupo familiar, intercedendo sempre a seu favor e pelo seu bem-estar. O participante, afirma que houve dois momentos cruciais em que a ajuda familiar foi essencial: a primeira, no momento de encontrar casa quando vieram para Portugal e a segunda, e mais relevante para o seu sucesso profissional e bem-estar geral. Após a sua má experiência laboral em Portugal numa empresa que considerava ter sido contratado para efetuar um trabalho mais relacionado com as suas qualificações, saindo totalmente dececionado, viu-se numa situação de grande sofrimento psicológico e de reavaliação do seu posicionamento social, João afirma que

“Foi muito mau e eu já estava muito em baixo, com muita depressão. Falei com a minha mulher e disse que não estava a ver outra coisa que fazer aqui sem ser trabalhar em cafés, [por isso] ou mudávamos um pouquinho os planos ou volto para o Chile. Foi

assim que pensamos em começar um negócio próprio. Era uma opção necessária, eu tenho a sorte de a ter a ela e à sua família que me ajudaram a fazer o que eu estou a fazer agora” (João, 34 anos, Engenheiro de Automação e Controlo Industrial, Porto)

A ligação pessoal (*guanxi*) que une o João com a sua mulher e respetiva família, fá-lo ter o usufruto de uma série de recursos e conhecimentos, sejam para procurar casa, ou até mesmo ajudas financeiras que tornam possível a sua evolução positiva no mercado de trabalho e o seu crescimento económico. Após a sua má experiência laboral, decidido a tomar uma atitude que mudaria a sua vida totalmente, foram as suas ligações pessoais com a família que fizeram com que esta intercedesse a seu favor e apoiasse a expansão dos seus conhecimentos, tornando possível o começo de um negócio próprio.

Da mesma forma, Inês decidiu vir para Portugal com a garantia de que já tinha uma amiga do país de origem instalada. A ligação pessoal entre as duas, trouxe a possibilidade da Inês lograr de recursos que lhes foram fornecidos de boa vontade com base na confiança dos seus laços. Desta forma, a participante afirma que a sua amiga a ajudou muito em momentos como: conseguir ter os documentais legais, com orientação dos locais onde a própria se devia dirigir para resolver certos problemas e, principalmente, com os dois primeiros empregos que conseguiu em Portugal. O primeiro como ajudante na padaria onde a amiga é responsável, onde apesar de não ter trabalhado durante muito tempo, a ajuda foi preciosa porque conseguiu acumular dinheiro que não teria se não lhe fosse dada a oportunidade. O segundo emprego diz respeito ao trabalho no lar que conseguiu através da sua amiga, através da transferência de conhecimentos que esta passou para a participante.

## V. Conclusão

Este trabalho teve como objetivo geral a compreensão da experiência migratória e laboral dos participantes de origem chilena de forma a perceber se os participantes, ao chegar a um país cuja sua nacionalidade é pouco numerosa, conseguem criar ligações com conacionais, obtendo dessa forma benefícios no processo de inserção no mercado de trabalho português.

Através do uso das teorias de mobilidade (Tan, et al., 2022), de fuga e das tendências (Każmierska, Piotrowski, & Waniek, 2011) foram analisados as experiências migratórias dos participantes apresentadas na Tabela 2. O uso da triangulação destas teorias tornou-se uma técnica bastante importante para a análise, uma vez que certas teorias se mostraram incongruentes com as experiências vividas pelos participantes, podendo ser analisadas através de outros olhares. Uma análise bastante relevante para responder à primeira curiosidade lançada na introdução, conseguindo esclarecer o leitor sobre os motivos que trouxeram os participantes a migrar para Portugal e para melhor compreender o processo de inserção no mercado de trabalho de cada um. Após a compreensão das experiências migratórias, analisamos o que Fosslund (2013) descreve como o fenómeno de desperdício de cérebros. Dois dos participantes, encontram-se em situações em que os seus capitais humanos não são transferíveis para o novo mercado de trabalho, desta situação, decorre o fenómeno defendido pela autora, que se baseia em migrantes altamente qualificados a desempenhar funções muito abaixo das suas competências, João e Inês, são os participantes que espelham a teoria da autora, mantendo presente os seus motivos para migrar para Portugal, o que os desafia a adaptar-se.

O acolhimento é visto como um dos momentos mais relevantes no que diz respeito à transmissão cultural, por proporcionar momentos de incorporação de regras, normas e valores do novo campo social ao individuo recém-chegado. Contudo, nem sempre o cenário é o desejado para a facilitação da interiorização deste novo *habitus*. Enquanto metade dos participantes viveram a experiência de acolhimento com indivíduos com quem já tinham ligações, os outros dois instalaram-se em casas cujos quartos eram partilhados com outros migrantes, tornando o processo de transmissão cultural mais dificultado. Contudo, todos os participantes se encontram em pelo um dos cenários descritos por Griffin & Glover (2020) e Anna Przybyszewska (2022) como os mais indicados para transmissão cultural, nomeadamente, a prática de atividades de lazer e a participação no mercado de trabalho. Catarina afirma que ambas as empresas, para as

quais trabalha, se regem por uma política muito individualista, não mostrando empatia e preocupação para com os seus funcionários, acumulando o facto de se encontrar em regime de teletrabalho não a possibilita de incorporar os códigos culturais, contudo, neste caso, o facto de perder oportunidades de interações com colegas não se torna um cenário grave no percurso da sua inserção, porque a participante já tem um longo percurso de estudos sobre Portugal, incluindo a língua e cultura, não influenciado muito a sua aprendizagem cultural. Madalena, afirma que o seu trabalho a coloca permanentemente em contacto com indivíduos da comunidade portuguesa, desta forma, contrariamente à sua experiência de acolhimento, consegue incorporar de forma mais facilitada as normas e regras do novo campo social, através da transmissão cultural que interações com nacionais do país de acolhimento proporciona. Inês e João encontram-se em cenários cuja possibilidade de transmissão cultural é dificultada, por um lado, Inês, apesar de fazer parte de um grupo de futebol amador estabelecido em Portugal, as interações este lhe proporciona são com outros indivíduos também migrantes e, talvez, também eles em processo de incorporação das normas e regras do novo campo social. Por outro lado, ambos os participantes se encontram (Inês) ou encontraram (João) em trabalhos cuja interação com colegas portugueses lhes era impossibilitada, dada a natureza das suas funções.

Relativamente à importância do saber a língua uma das participantes quando se instalou em Portugal, devido aos seus estudos, era fluente no português. Os outros três participantes não vivendo esse cenário, afirmam que o saber da língua se torna bastante importante porque tornou os participantes mais familiares com a cultura portuguesa, permitindo-os resolver problemas do dia a dia e, mais importante, equiparam o nível de capacidade oratória com as chances de obter um melhor trabalho, pela incorporação de recursos culturais e sociais que os participantes foram adquirindo ao longo do processo de aprendizagem do código do discurso. Este processo é longo e é alimentado através de interações com indivíduos portugueses (portadores do código cultural e passíveis de o transferir por meio de interações sociais). Este processo traz consigo, segundo Schwieter e Ferreira (2020), a possibilidade de alterar a identidade dos indivíduos, visível não só através da familiaridade que os participantes vão ganhando com a cultura do país de destino, através da incorporação de um novo *habitus*, mas também pela forma como estes se encontram posicionados socialmente e pela forma como a sua participação social se altera ao longo do tempo. João, um exemplo perfeito de que o posicionamento e

participação social não é algo estável, devido à intransferibilidade dos seus capitais para o mercado de trabalho português, encontrou-se numa posição social inferior à que teria se voltasse para o Chile e, como o acúmulo de experiências migratórias e laborais alterou a sua forma de participação social, começou a relativizar certas críticas que apontava ao seu país, ponderando voltar.

Quando questionamos os participantes sobre a possibilidade de terem ligações com indivíduos co-nacionais, as plataformas online ganham uma dimensão relevante. Três dos quatro participantes afirmam estar incluídos em grupos de plataformas online restritos exclusivamente para a população chilena em Portugal. A criação destas ligações não foi imediata à sua chegada, uma vez que todos os participantes afirmam não ter tido contacto com nenhum co-nacional no momento de instalação, contudo, com o passar do tempo, sentiram falta de ter este tipo de ligações co-nacionais incluídas na vida social. Foi através de plataformas online, que os indivíduos colmataram esse vazio. Quando questionados sobre a importância destes grupos em plataformas online no momento de inserção no mercado de trabalho, todos afirmam que, apesar de haver um clima de entre ajuda em vários aspetos do dia a dia, em nada os participantes beneficiaram de recursos que lhe trouxe mais ou melhores oportunidades de trabalho. Os recursos a que beneficiam por terem estas ligações estabelecidas são de duas naturezas conforme a forma de utilização da plataforma: Se não fomentarem as interações *face a face*, as ligações criadas não são com base em laços pessoais, conseguindo um suporte de entre ajuda para questões práticas do quotidiano; Se fomentarem as interações *face a face*, as ligações poderão ser criadas consoante um laço pessoal, encontrando um apoio emocional entre os indivíduos. Quando questionados sobre que ligações tinham em Portugal aquando sua chegada, apenas dois dos participantes partilharem laços pessoais com indivíduos instalados em Portugal. Inês, um laço pessoal baseado na amizade de longa data com a sua amiga chilena e João, laços pessoais baseados no conceito de *guanxi* (Kosyakova e Gërxhani, 2019) com a sua família. Ambos os casos, eram possuidores de laços que lhes traria a oportunidade do usufruto de benefícios e troca de recursos. Estes recursos trouxeram aos participantes ajudas em dois momentos distintos: a Inês no momento de inserção no mercado de trabalho, a João ao longo da sua experiência laboral, como vemos ao longo do trabalho. Desta forma, apesar de três dos participantes estarem inseridos em grupos sociais com algumas centenas de participantes em cada grupo, onde têm bastantes transferências de conhecimentos e partilha de informações, nenhum usufrui de recursos

que melhorem a sua posição no mercado de trabalho. De forma a sintetizar a experiência de inserção no mercado de trabalho, foi construída e tabelada<sup>3</sup>, que visa demonstrar a forma como as capacidades dos participantes que, segundo Przybyszewska (2022) e Tan et al. (2022), influenciam o processo dos mesmos no momento de inserção laboral.

Catarina e Madalena, foram as únicas participantes que conseguiram chegar a Portugal e ter acesso a empregos dentro da sua área de formação, sem a ajuda de qualquer ligação estabelecida. Catarina apresenta ser a participante com um maior nível de incorporação de capital cultural, através do curso no Chile onde estudou a cultura portuguesa, através das suas visitas ocasionais a Portugal antes da sua instalação e pelo curso de mestrado realizado em Portugal. Madalena, apesar das ligações referentes à vida social lhe proporcionarem pouca possibilidade de incorporação dos códigos culturais, devido à natureza migrante das suas ligações, consegue incorporá-los através do seu meio laboral que, segundo a participante, a coloca em contacto com bastantes indivíduos portugueses. Em ambos os casos, as participantes mostraram durante a entrevista ter a capacidade de se fazer compreender através do seu discurso oral e de entender o que lhes é perguntado. Ambas têm a capacidade de transferir os seus capitais para o mercado de trabalho português, contudo, à Madalena, dada a natureza da sua formação, além das suas qualificações, é-lhe dada a oportunidade de demonstrar as suas skills nas entrevistas de emprego.

Analisados os dois casos em que as participantes obtiveram um trabalho que corresponde à sua área de qualificação, passemos aos restantes dois casos que, contrariamente aos anteriores, apesar de altamente qualificados, aceitam trabalhos que não correspondem às suas qualificações. Inês e João têm um processo de inserção no mercado de trabalho português, muito semelhante. Ambos têm uma fraca possibilidade de incorporarem os códigos culturais tanto na sua vida social, como laboral, como já referido. João demonstra ter capacidade de comunicação clara para se fazer entender e para compreender o que lhe é transmitido, Inês, pelo desconhecimento da língua e pela sua estadia em Portugal ser mais recente, apresenta uma menor capacidade de comunicação clara quando comparado com Catarina e Madalena, mas afirma que nunca foi impedimento para qualquer interação com indivíduos portugueses. Em ambos os casos, os indivíduos não têm a capacidade de transferir os seus capitais, nem de demonstrar as suas skills, devido à natureza das suas áreas de formação. Ambos os participantes estão inseridos em grupos

restritos à população chilena em plataformas da Internet, contudo, a sua posição no mercado de trabalho é bastante distinta, atualmente.

**Tabela 3. Sintetização do processo de inserção no mercado de trabalho português, segundo capacidades consideradas por Przybyszewska (2022) e Tan et al. (2022), como fundamentais para a influência do mesmo.**

<b>Participante</b> <b>Capacidades</b>	<b>Catarina</b>	<b>Madalena</b>	<b>Inês</b>	<b>João</b>
Incorporação dos códigos culturais	Avanço na incorporação dos códigos culturais pela licenciatura e vinda a Portugal	Possibilidade de incorporação no seio laboral / Fraca possibilidade de incorporação no seio social	Fraca possibilidade de incorporação no seio laboral e social	Fraca possibilidade de incorporação no seio laboral e social
Capacidade de utilizar o código de discurso	Capacidade para se fazer compreender e entender os outros	Capacidade para se fazer compreender e entender os outros	Menor capacidade para se fazer compreender e entender os outros quando comparada com Catarina e Madalena	Capacidade para se fazer compreender e entender os outros
Capacidade de transferir capitais	Capacidade de transferir capitais	Capacidade de transferir capitais	Incapacidade de transferir capitais	Incapacidade de transferir capitais
Possibilidade de demonstração de skills	Não necessária	Afirmativo	Negativo	Negativo

## Bibliografia

- Abreu, A., & Peixoto, J. (2009). Demografia, mercado de trabalho e imigração de substituição: tendências, políticas e prospectiva no caso português. *JSTOR*, 719-746.
- ACM - Alto Comissariado para as Migrações. (s.d.). *Envelhecimento e Imigração*. Lisboa: Observatório das Migrações. Obtido de <https://www.om.acm.gov.pt/-/envelhecimento-e-imigracao#>
- Baganha, M. I., Marques, J. C., & Góis, P. (2009). Imigrantes em Portugal: uma síntese histórica. *Open Edition Journals*, 123-133.
- Carriero, R. (2020). The role of culture in the gendered division of domestic labor: Evidence from migrant populations in Europe. *SAGE Journals* .
- Carrilho, M. J. (2002). A situação demográfica recente em Portugal. *Revista de Estudos Demográficos*(36), 127-156.
- Corkill, D. (2010). Economic migrants and the labour market in Spain and Portugal. *Ethnic and Racial Studies*, 828-844.  
doi:<https://doi.org/10.1080/01419870020063990>
- Creswell, J. W. (2003). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*. Califórnia: SAGE.
- Dickey, H., Drinkwater, S., & Shubin, S. (2018). Labour market and social integration of Eastern European migrants in Scotland and Portugal. *Sage Journals*, 50(6), 1250-1268. doi:10.1177/0308518X18781086
- Fellini, I., Góis, P., & Marques, J. C. (2003). The process of recruitment of immigrants in the construction sector. The cases of Italy and Portugal. *Sage journals*.
- Fossland, T. (2013). Crossing borders – getting work: Skilled migrants' gendered labour market participation in Norway. *Norsk Geografisk Tidsskrift - Norwegian Journal of Geography*, 276-283.
- Gaspar, S. (2019). Chinese descendants' professional pathways: Moving to new businesses? *Portuguese Journal of Social Science*, 18(1), 91-108. doi:doi:10.1386/pjss.18.1.91\_1

- Góis, P., & Marques, J. C. (2018). Retrato de um Portugal Migrante: A Evolução da Emigração, da Imigração e do seu Estudo nos Últimos 40 Anos. *Open Edition Journals*, 125-152. doi: 10.4000/eces.3307
- Góis, P., & Marques, J. C. (2020). Portuguese intra-EU migration. The dynamics of an ongoing migration process. *Ethnic and Racial Studies*, 2551-2571. doi:<https://doi.org/10.1080/01419870.2020.1772989>
- Griffin, T., & Glover, T. D. (2020). The Development of Social and Cultural Capitals for Immigrant Hosts of VFR Travellers. *Taylor & Francis Online*.
- Haguete, T. M. (1997). *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. RJ: Vozes.
- INE. (2021). *Censos 2021 - Divulgação dos Resultados Provisórios*.
- Kazmierska, K., Piotrowski, A., & Waniek, K. (2011). *Biographical consequences of working abroad in the context of european mental space construction*. Polónia : Institute of Sociology, University of Łódź.
- Kosyakova, Y., & Gërxhani, K. (2019). The Effect of Social Networks on Migrants' Labor Market Integration: A Natural Experiment. *IAB-Discussion Paper 3/2020*.
- Latecka, E. (2013). Distress and Turmoil – Learning a Language, Ego States and being-in-the-world. *Indo-Pacific Journal of Phenomenology*, 1-10.
- Machado, F. L. (2008). Filhos de imigrantes africanos no mercado de trabalho: acessos, perfis e trajectos. *Revista Migrações- Número Temático Imigração e Mercado de Trabalho*, 12-158.
- Marques, J. C., & Góis, P. (2008). Imigrantes altamente qualificados em Portugal: Uma tipologia. *Revista Migrações- Número Temático Imigração e Mercado de Trabalho*, 73-94.
- Martins, J. A., Alves, C. P., Conde, P., Aguiar, B., Maduro, T., & Santos, C. B. (2021). *Demografia e Educação: apesar do aumento da qualificação da população, as medidas de políticas públicas de educação contêm fragilidades que importa minimizar, especialmente num contexto demográfico adverso*. Tribunal de Contas.
- OIM. (2009). *Glossário sobre Migração*. Genebra: Organização Internacional para as Migrações.

- OIM. (s.d.). *Arvore- programa de Apoio ao Retorno Voluntário e à Reintegração* .  
Obtido de OIM.
- Oliveira, C. R., & Gomes, N. (2015). *Observatório das Migrações: Imigração em Números*. Lisboa: Alto Comissariado para as Migrações (ACM, IP).
- Oliveira, C. R., & Gomes, N. (2019). *Estatísticas de Bolso da Imigração* . Lisboa: Observatório das Migrações.
- Oliveira, E. N., Matias, M., Félix, A. T., Cavalcante, M. M., Lopes, R. E., & Neto, F. (2019). Mulheres brasileiras vivendo em Portugal: trabalho e. *SciELO*, 182-192.
- Organização das Nações Unidas. (s.d.). *Migrações*. Obtido de Nações Unidas- Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental.
- Pantelidou, S., & Craig, T. K. (2006). Culture shock and social support: A survey in Greek migrant students. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol*, 777-781.
- Peixoto, J. (2008). Imigração e mercado de trabalho em Portugal: investigação e tendências recentes. *Revista Migrações - Número Temático Imigração e Mercado de Trabalho*, 19-46.
- Pereira, S. (2008). Trabalhadores imigrantes de origem africana: precaridade laboral e estratégias de mobilidade geográfica. *Revista Migrações - Número Temático Imigração e Mercado de Trabalho de mobilidades geográfica*, 47-71.
- Pereira, S. (2013). Replacement Migration and Changing Preferences: Immigrant Workers in Cleaning and Domestic Service in Portugal. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 1141-1158.
- Przybyszewska, A. (2022). Downward professional mobility, cultural difference and immigrant niches: Dynamics of and changes to migrants' attitudes towards interpersonal communication and work performance. *European Journal of Cultural Studies*, 1249-1265.
- Reis, S., Sousa, P., & Machado, R. (2021). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2020*. Oeiras: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- Schwieter, J. W., & Ferreira, A. (2020). Learning a language abroad and the implications for social participation and positioning. *Critical Inquiry in Language Studies*, 64-78.

- Taherdoost, H. (2016). Sampling Methods in Research Methodology; How to Choose a Sampling Technique for Research. *ResearchGate*, 18-27.
- Tan, Y., Li, W., & Tsuda, T. (2022). Cross-border im/mobility of skilled migrants from the U.S. to China: a capital-mobility framework. *Journal of Ethnic and Migration Studies*.
- Tranos, E. (2020). Social Network Sites and Knowledge Transfer: An Urban Perspective. *Journal of Planning Literature*, 408-422.
- Trovão, S. (2016). Comparing Transnational and Local Influences on Immigrant Transnational Families of African and Asian Origin in Portugal. *Sage Journals*.
- Wong, Y.-L., & Liao, Q. (2022). Cultural capital and habitus in the field of higher education: academic and social adaptation of rural students in four elite universities in Shanghai, China. *Cambridge Journal of Education*.

## Apêndices

### Apêndice 1. Guião de entrevista

Foco	Questões
<b>Elementos de caracterização sociodemográficas</b>	Nome Sexo Idade Lugar de proveniência Nível de instrução Estado civil Ocupação atual Local de residência em Portugal
<b>Experiência migratória</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Duração da permanência em Portugal</li><li>2. Motivações de escolha<ol style="list-style-type: none"><li>2.1 Presença de amigos e familiares em Portugal.</li><li>2.2 Informação sobre Portugal</li><li>2.3 Experiência de viver ou trabalhar noutros países antes de Portugal<ol style="list-style-type: none"><li>2.3.1 Benefícios absorvidos que a experiência de viver noutros países antes de Portugal permitiu</li></ol></li></ol></li><li>3. Estadia em Portugal<ol style="list-style-type: none"><li>3.1 Aprendizagem da língua<ol style="list-style-type: none"><li>3.1.1 Participação em cursos de língua portuguesa</li><li>3.1.2 Descrição do processo de aprendizagem da língua portuguesa</li><li>3.1.3 Reflexão pessoal sobre a importância da aprendizagem da língua</li></ol></li><li>3.2 Acesso a habitação<ol style="list-style-type: none"><li>3.2.1 Descrição do processo de acesso à habitação</li><li>3.2.2 Relações estabelecidas com pessoas ou instituições que facilitaram o processo de acesso à habitação</li></ol></li><li>3.3 Rede de amigos e conhecidos<ol style="list-style-type: none"><li>3.3.1 Relação com pessoas conhecidas previamente instaladas em Portugal</li><li>3.3.2 Relações estabelecidas pós-vinda para Portugal com co-nacionais e portugueses</li><li>3.3.3 Reflexão pessoal sobre a importância que as relações estabelecidas tiveram no processo de instalação em Portugal</li></ol></li></ol></li></ol>
<b>Experiência no mercado de trabalho</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>4. Experiência de trabalho antes da instalação em Portugal<ol style="list-style-type: none"><li>4.1 Descrição do primeiro trabalho realizado<ol style="list-style-type: none"><li>4.1.1 Idade</li><li>4.1.2 Descrição do processo de inserção laboral</li><li>4.1.3 Tipos de relações estabelecidas no trabalho</li></ol></li><li>4.2 Traços fundamentais laborais do trabalho pré-instalação em Portugal<ol style="list-style-type: none"><li>4.2.1 Descrição do processo de inserção laboral</li><li>4.2.2 Tipos de relações estabelecidas no trabalho</li><li>4.2.3 Grau de satisfação com o trabalho</li></ol></li></ol></li><li>5. Experiência de trabalho após a instalação em Portugal<ol style="list-style-type: none"><li>5.1 Descrição do primeiro trabalho realizado</li></ol></li></ol>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>5.1.1 Duração</li> <li>5.1.2 Descrição do processo de inserção laboral</li> <li>5.1.3 Importância de alguém ou alguma instituição no processo de acesso ao primeiro trabalho</li> <li>5.2 Descrição do trabalho atual <ul style="list-style-type: none"> <li>5.2.1 Duração</li> <li>5.2.2 Descrição do processo de inserção laboral</li> <li>5.2.3 Tipos de relações estabelecidas no trabalho</li> </ul> </li> <li>6. Vivências da vida social marcantes para a obtenção de emprego em Portugal <ul style="list-style-type: none"> <li>6.1 Relações estabelecidas de ajuda no processo de obtenção de trabalho</li> </ul> </li> <li>7. Identificar informações relevantes para o processo de inserção no mercado de trabalho provenientes da vida social <ul style="list-style-type: none"> <li>7.1 Relações estabelecidas que facilitarem o acesso a essas informações</li> </ul> </li> <li>8. Compreender a relação dos entrevistados com co-nacionais <ul style="list-style-type: none"> <li>8.1 Relações com co-nacionais</li> <li>8.2 Descrição do género de ligação estabelecida</li> <li>8.3 Explicação do processo de conhecimento de co-nacionais</li> </ul> </li> <li>9. Importância da relação com co-nacionais no momento de inserção no mercado de trabalho <ul style="list-style-type: none"> <li>9.1 Apoio ou ajuda de co-nacionais</li> </ul> </li> </ul>
--	---